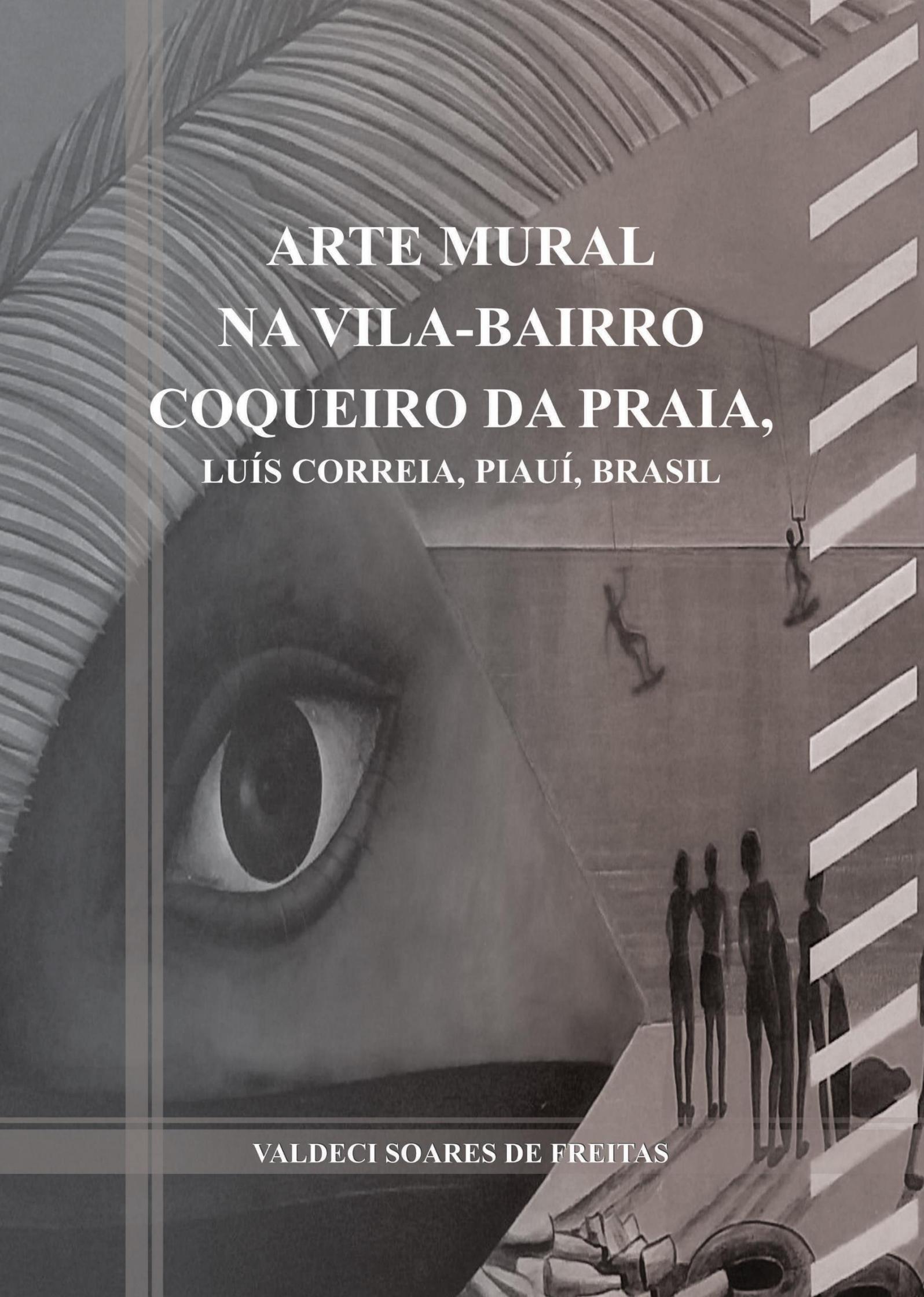


**ARTE MURAL**  
**NA VILA-BAIRRO**  
**COQUEIRO DA PRAIA,**  
**LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL**

**VALDECI SOARES DE FREITAS**





**ARTE MURAL  
NA VILA-BAIRRO  
COQUEIRO DA PRAIA,  
LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL**

**VALDECI SOARES DE FREITAS**



VALDECI SOARES DE FREITAS

# ARTE MURAL NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA, LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para obtenção do título de mestre.

Edital nº. 01/2018

5ª Turma | 2019-2021.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Moura Carvalho.



© Copyright 2021

Valdeci Soares de Freitas

Rita de Cássia Moura Carvalho

---

Este é o relatório dos resultados finais da pesquisa-ação sob o título “Arte Mural na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional da Universidade Federal do Piauí | Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

### **Universidade Federal do Delta do Parnaíba**

Reitor

Prof. Dr. Alexandre Marinho Oliveira

Vice-reitor

Prof. Dr. José Natanael Fontenele de Carvalho

Pró-reitor de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação

Prof. Dr. Daniel Fernando Pereira Vasconcelos

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Profª Drª Áurea da Paz Pinheiro

Orientação

Profª. Drª. Rita de Cássia Moura Carvalho

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Paulo Furtado da Silva Júnior

Revisão ortográfica e bibliográfica: Diego Renê de Oliveira Carvalho

F862a Freitas, Valdeci Soares de.

Arte Mural na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil. [recurso eletrônico] / Valdeci Soares de Freitas. - 2021.

1 Arquivo em PDF

Catálogo (Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, UFDPAr, 2021.

Orientação: Profª. Drª. Rita de Cássia Moura Carvalho.

1. Arte - Mural. 2. Patrimônio Natural e Cultural. 3. Vila Bairro Coqueiro. 5. Piauí. 1. Título.

CDD: 707.22



# ARTE MURAL NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA, LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação,  
Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia,  
da Universidade Federal do Piauí | Universidade Federal do  
Delta do Parnaíba, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Moura Carvalho

Trabalho apresentado e aprovado em 17 de dezembro de 2021.

## BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Moura Carvalho  
(Orientadora – UFPI/UFDFPar)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro – UFPI/UFDFPar  
Avaliadora Interna – Suplente

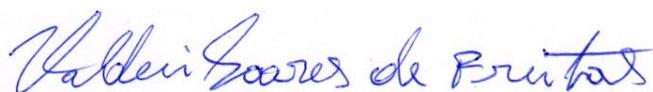
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian do Amaral Nunes – USP/SP  
Avaliadora Externa



## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Valdeci Soares de Freitas declaro que este trabalho, intitulado Arte Mural na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil é o resultado de uma pesquisa-ação aplicada a produção artística de 3 murais, com participação colaborativa de moradores e de intervenções na comunidade coqueiro, junto ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) | Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens, tais como todas citações diretas ou indiretas têm a devida indicação ao longo do trabalho, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Luís Correia (PI), 17 de dezembro de 2021



Valdeci Soares de Freitas



*“A arte existe, porque só a vida não basta”  
Ferreira Gullar.*

*À Francisco Soares de Freitas  
e Eugênia Maria  
da Conceição (meus pais).*

Figura 1 – Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura.



# AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora dos Remédios por iluminar os meus caminhos.

A minha esposa Derisneide de Araújo Costa Freitas e aos meus filhos Sophia Andress e Tennessee Felipe Costa Freitas, pela paciência, compreensão e colaboração.

À professora, orientadora e amiga Cássia Moura, pelo excelente direcionamento na realização desta pesquisa e também, pela grande contribuição artística com as belas fotos que ilustram parte deste trabalho de mestrado.

À minha professora e amiga Áurea da Paz Pinheiro, por ter me ensinado que é possível construir um bom relatório quando se mergulha na própria comunidade, objeto desta pesquisa.

Aos meus colegas de Mestrado da Turma cinco, com os quais, aprendi muito sobre parcerias e trabalhos colaborativos.

À comunidade do Coqueiro da Praia, em Luís Correia, pelo respeito e acolhimento.

Ao Museu de Perypery – na pessoa do Secretário de Cultura Ducival de Araújo Costa e do diretor do museu Simplício Mário de Oliveira – pela parceria colaborativa com os horários flexíveis que me proporcionaram períodos de ausências para assistir as aulas do mestrado.



## RESUMO

Escolhemos a Vila Bairro Coqueiro da Praia para estudos e intervenções para este Projeto de Pesquisa, em andamento desde 2019. O bairro faz parte de Luís Correia, um dos 10 municípios que integram a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, criada por Decreto do Governo Federal do Brasil em 1996. O referido Município está localizado no Meio Norte do Brasil, entre os Estados do Piauí, Maranhão e Ceará. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017), tem uma população de 55,4% com renda per capita de até ½ salário-mínimo mensal, que vive com problemas socioambientais. Luís Correia está localizada a aproximadamente 360 km de Teresina, capital do Estado do Piauí. O trabalho de campo, materializado em rodas de conversas e observação do território, nos permitiu conhecer o rico e complexo patrimônio cultural do lugar, carente de ações educativas e culturais, que provoquem mobilização para a salvaguarda do patrimônio cultural do qual a comunidade é detentora. Os estudos e intervenções realizados por docentes e discentes do mestrado profissional em artes, patrimônio e museologia no território desde 2015 têm contribuído para mudar a situação de vulnerabilidade. No Bairro e entorno não havia arte mural. Construimos três murais que representam o ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca artesanal, herdados de povos originários da região. Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que a construção de um projeto de arte urbana (pintura mural), poderia ser uma estratégia para ações interativas, centradas no viver cotidiano do bairro, potencializando o bem-estar e a autoestima de viver o/no lugar. ARTE MURAL NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA – é um trabalho que envolve pesquisa-ação, história oral, oficinas, produção artística e exposição presencial e virtual de artes visuais, com parcerias entre mestrado, museu da vila e comunidade.

**Palavras-chave:** Arte Mural; Patrimônio natural e cultural; Vila Bairro Coqueiro/Piauí.



## ABSTRACT

We chose Vila Bairro Coqueiro da Praia for study and interventions for this Research Project, in progress since 2019. The neighborhood is part of Luís Correia, one of the 10 municipalities that are part of the Delta do Parnaíba Environmental Protection Area, created by Decree of the Federal Government of Brazil in 1996. The municipality is located in the Middle North of Brazil, between the states of Piauí, Maranhão and Ceará. According to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (2017), it has a population of 55.4% with per capita income of up to 1/2 monthly minimum wage, living with socio-environmental problems. Luís Correia is located approximately 360 km from Teresina, capital of the State of Piauí. The fieldwork, materialized in wheels of conversations and observation of the territory, allowed us to know the rich and complex cultural heritage of the place, lacking educational and cultural actions, which provoke mobilization to safeguard the cultural heritage of which the community holds. Studies and interventions carried out by professors and students of the professional master's degree in arts, heritage and museology in the territory since 2015 have contributed to change the situation of vulnerability. In the neighborhood and surroundings there was no mural art. We have built three murals that represent the craft and ways of knowing-how of artisanal fishing gear, inherited from peoples originating in the region. In this perspective, we start from the assumption that the construction of an urban art project (mural painting) could be a strategy for interactive actions, centered on the daily life of the neighborhood, enhancing the well-being and self-esteem of living in the place. MURAL ART IN VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA – is a work that involves action research, oral history, workshops, artistic production and face-to-face and virtual exhibition of visual arts, with partnerships between master's degree, museum of the village and community.

Keywords: Mural Art; Natural and cultural heritage; Vila Bairro Coqueiro/Piauí.



## Lista de figuras e ilustrações

Figura 1 – Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura.

Figura 2 – Jovens participando de oficinas de pintura mural. Fotos: Cassia Moura.

Figura 3 – Esboço Valdeci Freitas. “Pesca e caçada em canoa de um pau só”, 2019. Foto: Cássia Moura

Figura 4 – “Pescaria em alto mar”, TMST, 100 x 70 cm, 2019. Coleção particular. Pintura/Foto: Valdeci Freitas.

Figura 5 – “Tartaruga do Delta”, TMST, 75 x 65 cm, 2019. Coleção particular. Pintura/Foto: Valdeci Freitas.

Figura 6 – Esboço Valdeci Freitas. “Procedimento de engodo em alto mar”, 2019. Foto: Cássia Moura

Figura 7 – Pescadores em frente ao mural 2, retornando da pesca no mar. Foto: Valdeci Freitas

Figura 8 – Esboço do Mural Experimental – com base em pesquisa preliminar – 3,50 m x 21,00 m.  
Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura

Figura 9 – Detalhe a). da figura 8 – Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura

Figura 10 – Detalhe b). e c). da figura 8 – Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura

Figura 11 – Pintura do mural experimental – Museu da Vila - 3,50 x 21,00m. Acrílica sobre parede, 2019.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas.

Figura 12 – Esboços das partes (a e b) do Mural nº 1 – “Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura

Figura 13 – Parte a) do mural nº 1 finalizado. Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 14 – Detalhe (parte a) do mural nº 1 – Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 15 – Parte b) do mural nº 1 – finalizado. Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 16 – Detalhe (parte b) do mural nº 1 – Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 17 – Detalhe (parte b) do mural nº 1 – Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 18 – Valdeci Freitas – Processo de criação e produção do mural nº 1. Fotos: Cássia Moura.

Figura 19 – Esboço do mural nº 2 – “A Pesqueira” – 2,00 m. x 10 m. Desenho e foto: Valdeci Freitas

Figura 20 – Mural nº 2 pronto – Título: “A Pesqueira” – 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 21 – Detalhes do mural nº 2 pronto – Título: “A Pesqueira” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 22 – Figura 19 – Esboço para o Mural nº 3. Título: “Sem título” – 2,70 m x 21,00 m.  
Desenho e foto: Valdeci Freitas

Figura 23 – Figura 20 - Mural nº 3 - completo. “Sem título” - 2,70 m x 21,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 24 – Detalhes do Mural nº 3 – pronto. “Sem título” – 2,70 m x 21,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

Figura 25 – Detalhes do Mural nº 3 – pronto. “Sem título” – 2,70 m x 21,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas



# SUMÁRIO



<b>1</b>	INTRODUÇÃO .....	(24)
<b>2</b>	OBJETIVOS .....	(27)
	2.1 Objetivo Geral .....	(27)
	2.2 Objetivos Específicos .....	(27)
<b>3</b>	JUSTIFICATIVA .....	(28)
	3.1 Parceria Colaborativa .....	(30)
<b>4</b>	REVISÃO DE LITERATURA .....	(37)
<b>5</b>	METODOLOGIA .....	(42)
	5.1 Tipo de Estudo .....	(42)
	5.2 Coleta de Dados .....	(47)
	5.3 Aspectos Éticos .....	(53)
<b>6</b>	MEMORIAL DESCRITIVO .....	(54)
	6.1 Descrição dos Murais .....	(54)
	6.2 Aspectos Técnicos .....	(70)
	6.3 Educativo Patrimonial .....	(74)
<b>7</b>	CONCLUSÃO .....	(84)
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	(87)



# 1 INTRODUÇÃO

Apresentam-se estudos e intervenções em andamento desde 2019 na Vila Bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Meio Norte do Piauí, entre os Estados do Maranhão e Ceará, distante 360 km de Teresina, capital do Estado e um dos 10 municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, criada por Decreto do Governo Federal do Brasil em 1996. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), tem população com 55,4% com renda per capita de até ½ salário mínimo mensal, convivendo com problemas de educação, econômicos, culturais e ambientais.

A pesquisa de campo, se materializou em caminhadas pela Vila, conversas informais com moradores, rodas de conversas e observação atenta à vida cotidiana e às lógicas sociais. Percebeu-se a ausência de arte, mas desejo dos residentes por manifestações artístico/visuais nos espaços públicos, nas ruas e nos muros do bairro. Verificou-se a escassez de ações sistemáticas de comunicação sobre os patrimônios da comunidade. Não fossem as intervenções de natureza socioeducativas e culturais do Programa de Pós-graduação, mestrado profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) e Museu da Vila (MUV), com a Associação de Moradores do Coqueiro (AMBC), poder-se-ia falar de uma ausência total de projetos e ações no campo das artes, patrimônio e museologia.

Nesse sentido, contribuir para o conhecimento, reconhecimento, comunicação e salvaguarda das memórias e histórias do lugar, tornou-se o centro deste projeto de arte pública com interferência dos próprios residentes. Acredita-se que as interferências realizadas transformaram muros silenciosos, mudos, com ruas e muros vazios, em lugares com cores e memórias em constante trabalho. Representam o ofício e modos de saber-fazer da pesca artesanal, modos de ser e existir, e a paisagem natural – mar, fauna e flora.

Partiu-se do pressuposto de que a construção de um projeto de arte urbana, com pintura mural, poderia ser uma boa estratégia para ações interativas, centradas na arte urbana e que poderia trazer aos moradores maior afeto pelo lugar onde vivem.

Esses murais são os produtos e serviços, o Trabalho Final de Mestrado, para o qual foi utilizada a pesquisa social aplicada, pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação, história oral, oficinas, produção artística e exposição presencial e virtual da arte mural, com parcerias colaborativas de moradores.

Na condição de artista, com uma trajetória que complementa o ofício de artista plástico, iniciada em meados dos anos 1980, em São Paulo – Capital e que agora, somando-se aos conhecimentos adquiridos no PPGAPM, com projeto-ação associado ao Projeto Matriz, Ecomuseu Delta do Parnaíba (ECOMUDI), materializa-se em um conjunto de 3 (três) obras murais, produzidas de forma coletiva, sob a coordenação deste autor e das Professoras Doutoras: Rita de Cássia Moura Carvalho e Áurea da Paz Pinheiro, na Vila Bairro Coqueiro da Praia, na categoria Arte Urbana.

Diante dessa realidade indagou-se: Como a arte mural poderia contribuir para a fruição cultural, para o conhecimento, reconhecimento e salvaguarda do rico e complexo patrimônio cultural da Vila Bairro Coqueiro da Praia?

O território passa por crescente descaracterização ocasionada pelos avanços da modernização e modernidade, que provocam alterações nos modos de ser e viver dos habitantes: precariedade das famílias, fragilidade dos laços de identidade e de comunidade. Ao longo do trabalho vivemos o cotidiano da Vila Bairro, ouvimos e registramos em textos, fotos e desenhos os relatos e narrativas das pessoas mais idosas e transformamos esse conteúdo em arte mural, como forma de sensibilização de crianças, jovens e adultos sobre o valor de seus patrimônios natural e cultural (diálogos intergeracionais).

A nossa intenção é que a arte mural represente as memórias (HALBWACHS, 2013), as histórias (LE GOFF, 1990), o ofício e os modos de

saber-fazer da pesca artesanal da Vila Bairro. Este trabalho materializou-se em um Relatório Final e em produtos e serviços, como oficinas de arte/educação (BARBOSA, 2011) e três murais de produção coletiva; com crianças e jovens, membros da comunidade Coqueiro e professores(as) do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI/UFDPar. O mesmo, contribuiu também para o conhecimento e reconhecimento das memórias e histórias, individuais e coletivas, de artesãos, pescadores, detentores e protetores dos patrimônios material e imaterial do território, habitado por povos originários, que sabiam viver de forma harmoniosa com a natureza.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo Geral

Produzir 03 (três) murais na Vila Bairro Coqueiro que representassem as marcas de identidade, as memórias e as histórias ancestrais do lugar, potencializando talentos de crianças, jovens e adultos por meio da contação de histórias e de expressões da arte urbana.

### 2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Promover oficinas, instigando os jovens do bairro a se manifestarem por meio da arte urbana e, assegurar que as gerações presentes e futuras tenham consciência e acesso a seus bens culturais;
- ✓ Estimular o autoconhecimento da população da Vila Bairro, como forma de afirmação de identidades;
- ✓ Dialogar com a comunidade sobre formas de fruição cultural, o que incluiu a arte pública, na linguagem da pintura mural e da galeria de arte a céu aberto.

### 3 JUSTIFICATIVA

Uma população com baixa renda per capita tem problemas sociais, de educação e de acesso à fruição cultural, mas há inúmeras outras consequências que poderão resultar dessa problemática. A beleza da paisagem natural, cultural e a vulnerabilidade socioeconômica da população da Vila Coqueiro da Praia provoca a descaracterização da mesma, devido à crescente globalização; imersão de turistas, novos proprietários de casas de veraneio e comerciantes ligados ao turismo não planejado, descomprometidos com a sustentabilidade e com a população local (nativa), oferecendo-lhes “novas oportunidades” que os distanciam de suas origens culturais.

Nessa perspectiva, pensamos numa forma de intervenção que começasse por ouvir as histórias de vida, por rodas de conversa, anotações, esboços, oficinas de desenho e arte mural, cujos resultados, pudessem causar impactos significativos no interesse pela memória da comunidade. Essas ações foram coordenadas segundo um plano metodológico, mas executado de maneira flexível, para maior aproveitamento das ideias que foram surgindo no processo de criação e produção das obras que, acreditamos, influenciarão na conscientização dos residentes da Vila Bairro Coqueiro.

Os 3 (três) murais foram pensados para ser mais uma “janela” que se abre no Coqueiro, para o Coqueiro. Um contraponto entre o planejamento urbano globalizado, de padrão “espetaculoso” e a Arte de Rua. Uma ação participativa e colaborativa entre artistas e comunidade.

Intervenções como estas, fora do padrão urbanístico tradicional, são chamadas por Amaral (2013) de “corpo errante”. E talvez, por isso, pudessem causar estranhamentos, rejeições e até indiferenças à comunidade, por serem objetos unicamente da subjetividade humana. Mas ao contrário, por ser um trabalho coletivo e, portanto, compartilhado com os moradores, teve um bom nível de aceitação e de identificação com o bairro.

“[...] a cidade-espetáculo, se distancia cada vez mais da experiência urbana, da própria vivência ou prática da cidade. Ser errante poderia ser um instrumento desta experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana seria uma apologia da experiência da cidade, um tipo de ação que poderia ser praticada por qualquer um. Um dispositivo para ampliação da percepção.” (AMARAL, 2013, p. 3628).

A nossa inquietação como artista visual e como “corpo errante” (AMARAL, 2013), nos motivou a contribuir para reacender na comunidade o espírito do lugar, a reconhecer a si mesma, a solidarizar-se uns com os outros. Compreender que são as manifestações ancestrais que deram origem à vida e que as gerações presentes e futuras devem conhecer e valorizar. Percebemos perdas acentuadas de identidade cultural e de referências históricas, como os modos de saber-fazer dos artesãos, pescadores, rendeiras, dentre outros modos de ser e viver. Para Pinheiro (2015) é necessário “[...] tomar como significativas às relações simbióticas entre os elementos humano e natural, é conceber o espaço [...], as pessoas que se mantêm em harmonia e em funcionalidade que lhes são próprias” (PINHEIRO, 2015, p. 62)

Dessa forma, consideramos a intervenção por meio da Arte Urbana (*Street Art*), cujo alcance e comunicação tendem a ser diretos e abrangentes (seja para admiração, crítica ou repúdio), um bom instrumento de educação não formal, além de uma estratégia efetiva para o conhecimento e conscientização da população da Vila Bairro Coqueiro. Pois, como afirma Amaral (2010):

A materialidade da obra de arte hoje é a percepção do vedor. A percepção é matéria, personagem e público. A Arte Pública Contemporânea é aquela que diretamente engaja o contexto e toma como campo o público que não visita regularmente museus e galerias, opera a partir e com o meio ambiente e os problemas sociais e políticos da comunidade. (AMARAL, 2010, p. 1423).

A nossa proposição artística, enquanto profissional das artes visuais, da arte-educação e da museologia social, foi acreditarmos na imersão no seio dessa comunidade. Sobretudo, no universo dos mais jovens, os quais estão inseridos no território por natureza.

As 3 obras públicas de arte urbana, produzidas em parceria colaborativa com os(as) moradores(as), pescadores e jovens da Vila Bairro Coqueiro, confirmaram uma sensação que se tem em relação ao poder da arte. Segundo Amaral (2010) “Os significados de uma obra ou ação artística são construídos no encontro entre a subjetividade daquele que a propõe e a subjetividade de cada um daqueles que ativamente a tomaram para si” (AMARAL, 2010, p. 1424). Ou seja, eles nasceram ali, mas pareciam desconhecer o valor de seu próprio lugar. Entende-se que essa ação, através dos murais, vai contribuir para que os jovens conheçam e se orgulhem de suas ancestralidades. O que deverá despertar neles uma vontade maior de salvaguardar sua cultura e seu patrimônio histórico, material e imaterial.

### 3.1 Parceria Colaborativa

- ✓ Artista responsável pela pesquisa-ação, produção dos 3 murais e do educativo patrimonial, por meio das oficinas: Valdeci Soares de Freitas / Valdeci Freitas. Artista plástico com mais de 35 anos no circuito das artes visuais; exposições individuais e coletivas em instituições estaduais e nacionais; premiado em salões e editais importantes, como o da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE (2016).
- ✓ Orientadoras da pesquisa-ação, produção dos 3 murais e do educativo patrimonial, por meio das oficinas: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho / Cássia Moura e Prof.<sup>a</sup> Dra. Áurea da Paz Pinheiro / Áurea Pinheiro.



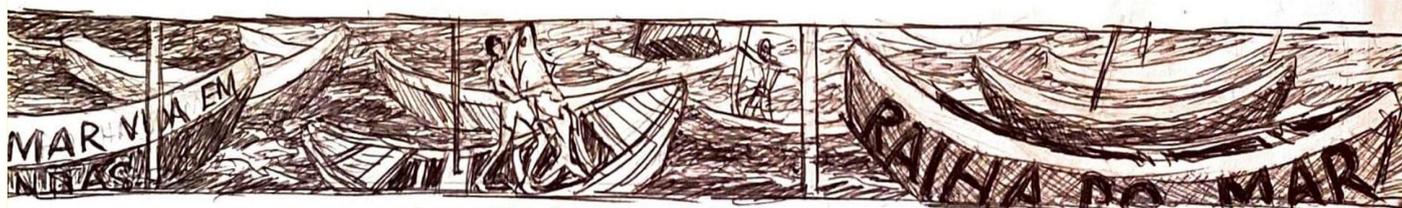
Figura 2 – Jovens participando de oficinas de pintura mural. Fotos: Cássia Moura.



- ✓ Jovens participantes das oficinas e produção do mural nº 3: Fernando Carvalho da Costa. Morador do Coqueiro, 32 anos, trabalhador autônomo e, vez por outra, recebe encomendas de arte urbana (pinturas) em muros e paredes do bairro. Fidel Brito de Oliveira. Nascido no bairro Coqueiro, estudante de escola pública, 15 anos, gosta de desenhar e pintar. José Armando Oliveira Pereira. Nascido no bairro Coqueiro, estudante de escola pública, 11 anos, gosta de desenhar e pintar. Samuel da Silva Aragão. Nascido no bairro Coqueiro, estudante de escola pública, 13 anos, gosta de desenhar e pintar.
  
- ✓ Parceria colaborativa para a produção do mural nº 3: Elem Wylfa Brito de Assis / Elem Brito. Mestranda em Artes, Patrimônio e Museologia na Universidade Federal do Piauí - UFPI/UFDPAr, Artista / bailarina profissional, produtora cultural e coreógrafa. Utilizou-se da rua e do mural como cenário do espetáculo, cujo título é: “Ciranda da Mãe Natureza”, de Elem Brito.
  
- ✓ Parceria colaborativa com a pesquisa-ação (coleta de dados) para a produção dos murais: O Sr. Antônio José Vieira Galeno / Sr. “Antônio da Laura”. Pescador artesanal, com uma vasta experiência em pescaria de alto mar, tendo pescado, juntamente com mais dois pescadores, o Sr. Joaquim Vieira Galeno / Sr. “Bidolo” e o Sr. Francisco Nascimento / Sr. “Fem”, em 1989, o maior tubarão martelo da região do mar do Coqueiro. Recebeu das autoridades marítimas, o título de herói do mar. É também um contador de histórias e poeta popular.



COQUEIRO "CAÇADA EM CANOA DE UM PAU SÓ" 21



PROCESSO DE ENGODO DO PEIXE (LIMPEZA)

Figura 3 – Esboço Valdeci Freitas. “Pesca e caçada em canoa de um pau só”, 2019. Foto: Cássia Moura

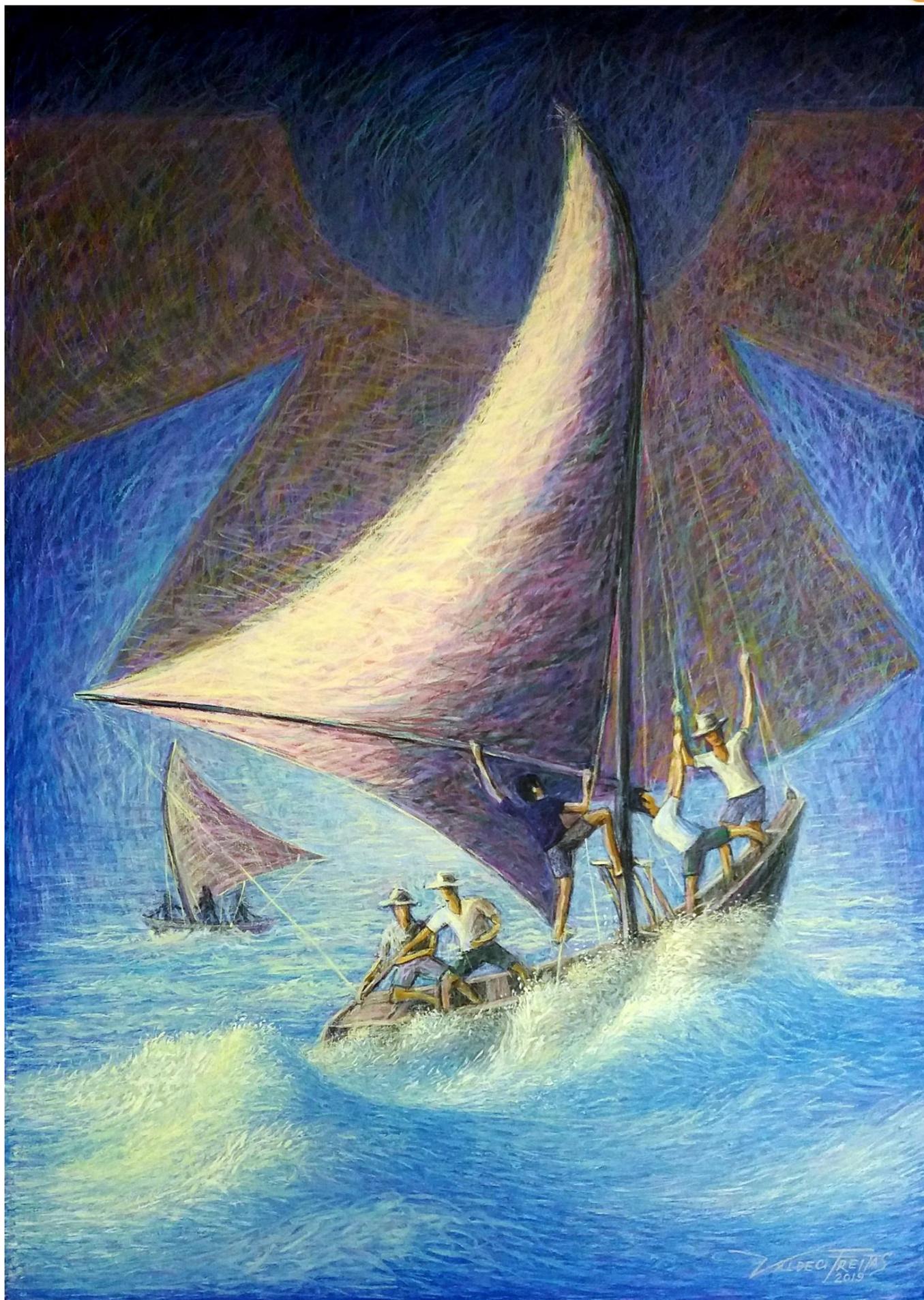


Figura 4 – “Pescaria em alto mar”, TMST, 100 x 70 cm, 2019. Coleção Particular. Pintura/Foto: Valdeci Freitas.

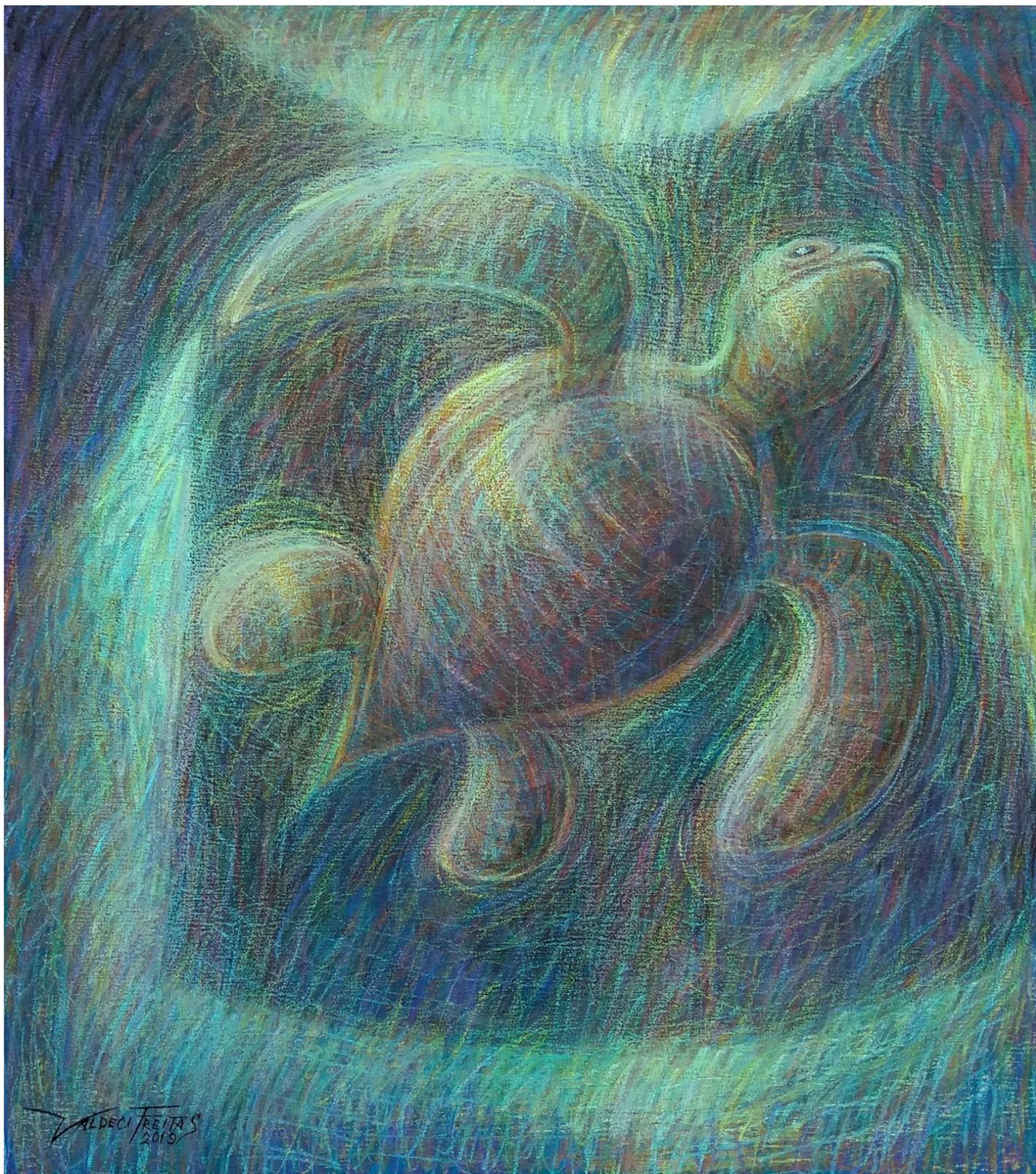


Figura 5 – “Tartaruga do Delta”, TMST, 75 x 65 cm, 2019. Coleção Particular. Pintura/Foto: Valdeci Freitas.



ENGODO EM  
 ALTO MAR → PESCA  
 SUSTENTÁVEL. OS PEIXES QUE NÃO FORAM  
 PESCADOS, POR SEREM MENORES, IRÃO ALIMENTAR-SE DESSAS VÍSCERAS E, NO  
 FUTURO, SERÃO PESCADOS PELOS MESMOS PESCADORES, QUE SABIAMENTE PLANE-  
 JARAM ESSE RETORNO.

Figura 6 – Esboço Valdeci Freitas. “Procedimento de engodo em alto mar”, 2019. Foto: Cássia Moura

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

O projeto está orientado em três eixos referenciais a saber: pesquisa-ação (entrevistas, rodas de conversas com moradores da Vila Bairro Coqueiro da Praia e pescadores); revisão de literatura (museologia social, ecomuseu, história oral e educação patrimonial) e produção artística (anotações, esboços, desenhos, pinturas e exposição de artes visuais), com conteúdos relacionados à história e cultura do território. Buscamos estabelecer, na pesquisa-ação, na revisão de literatura e no trabalho de campo (produção artística), ligações entre estes três pontos. Usando-se a pintura mural e as oficinas como um meio para se construir um relatório técnico sensível do trabalho realizado, com experimentos e processos de criação da produção e da intervenção artística.

O contato que direcionou a criação dos esboços para as pinturas murais, se deu através de entrevistas com pescadores, em especial, o Sr. José Antônio Vieira Galeno, vulgo Antônio da Laura. Na conversa, ele descreveu histórias incríveis (algumas, comprovadas com fotos), que mais pareciam roteiros de filmes, ou de aventuras dos heróis do mar, de tempos longínquos. Como das Idades Míticas de Le Goff (1990):

O estudo das Idades Míticas constitui uma abordagem peculiar, mas privilegiada das concepções do tempo, da história e das sociedades ideais. A maior parte das religiões concebe uma idade mítica feliz, senão perfeita, no início do universo. A época primitiva – quer o mundo tenha sido criado, ou formado de qualquer outro modo – é imaginada como uma Idade do Ouro. Por vezes, as religiões perspectivam outra idade feliz, no fim dos tempos, quer como o tempo da eternidade, quer como a última época antes do fim dos tempos. (LE GOFF, 1990, p. 283).

O Sr. Antônio da Laura é um homem simples, pescador experiente e também um poeta popular. Suas poesias narram aventuras em alto mar e o cotidiano da vida desses senhores que tiram seus sustentos e das famílias da pesca artesanal. As histórias dos pescadores e da população do território Coqueiro, também impressionam pesquisadoras como Pinheiro (2015):

Pensar com a comunidade a possibilidade de criar um museu em médio prazo, um espaço que promova um conjunto de atividades de natureza sócio-culturais e formativas, com destaque para as rodas de conversas e para oficinas de contação de histórias, fotografia, audiovisual, desenho e pintura, teatro, música e percussão, artefatos de pesca artesanal, trançados e cestarias com a palha de carnaúba, atividades atravessadas pela temática do museu patrimônios cultural e natural. (PINHEIRO, 2015, p. 63).

Na investigação por meio da literatura disponível no campo da museologia social, temos Pinheiro (2015) e Varine (2013), com ênfase no ecomuseu como uma possível solução para se fazer uma ressignificação em áreas de comunidades vulneráveis. E o educativo patrimonial (não formal) tem sido uma prática recorrente nos museus do mundo todo. “Mas como mediar um processo educativo que permita a atribuição de sentidos aos patrimônios?” (PINHEIRO, 2015, p. 57). É preciso traduzir a realidade de nosso ambiente, “valendo-se do uso de metodologias que permitam os diálogos mediados entre o saber leigo e o saber científico, uma “ecologia dos saberes”, [...]” (PINHEIRO, 2015, p. 57).

Ao abordar assuntos que envolvam patrimônios de natureza material e imaterial, como a do Coqueiro da Praia, são necessárias ações criativas e estruturadas em conceitos que envolvam a arte e a cultura viva desse território. Como no exemplo citado por Varine (2013): “O patrimônio faz parte do campo da cultura, mesmo que muitos deles constituam um domínio à parte, sem jamais justificar esta condição. [...]” (VARINE, 2013, p. 86).

No estudo da literatura e das boas práticas, fizemos referência a intervenções públicas como a Arte Urbana. Mas afinal, o que é arte urbana? Quais são suas principais características? Arte Urbana ou *Street Arte* é um tipo de arte que se manifesta por meio de manifestações etc. e interage diretamente com os indivíduos, usando como suporte, segundo Vera Pallamin (2000, p. 50), espaços públicos onde aspectos da memória social assumem importância frontal. Ela possui um caráter dinâmico e efêmero, tendo, como sua principal salvaguarda, o registro fotográfico. O artista Alex Vallauri foi um dos precursores da arte urbana no Brasil.

Algumas pesquisas, como a observação de fazeres e ações do cotidiano dos pescadores, se deu de forma bem casual, apesar de ter havido um planejamento. Thiollent (2011) afirma: “Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos [...]” (THIOLLENT, 2011, p. 22). Sobretudo, quando se está aberto aos acontecimentos naturais do ambiente e do sujeito pesquisado. Pois: “Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. (THIOLLENT, 2011. p. 22).

Numa perspectiva de educação patrimonial, através da exposição de arte, podemos dizer que esta deve atingir uma dimensão muito considerável: crianças, alunos participantes das oficinas, contadores de histórias, artistas, professores e usuários da comunidade Coqueiro e aqueles que frequentam o museu da Vila. “[...]. Logo, o lugar da exposição apresenta-se como um lugar específico de interações sociais, em que a ação é susceptível de ser avaliada.” (DESVALLÉES, 2013, p. 43).

A educação artística praticada nas oficinas de arte ou experimentos de pintura mural tende a trazer para os participantes a ideia de arte como experiência, formulada por John Dewey, segundo Barbosa (2011): “Para John Dewey, a expressão era uma clarificação das emoções. Para ele, a dinâmica ecológica da experiência estética transforma a energia orgânica sem sentido em expressão significativa.” (BARBOSA, 2011, p. 22).

A exposição de imagens reconfiguradas do patrimônio material e imaterial do Coqueiro, ao ganhar uma nova estética e beleza artística, necessitará de uma apreciação mais “refinada” por parte dos moradores e usuários, em que, acreditamos, terão aprendido, nas oficinas de arte, a fazerem uma leitura correta das imagens expostas. “O exercício de leitura da imagem envolve a observação da obra e sua compreensão do ponto de vista da técnica, da forma e do contexto.” (MARTINS, 2011, p. 236).

A pintura mural, por ser uma arte pública e, por natureza, “democrática”, pode transmitir sensações poéticas, conceitos estéticos e conhecimentos que fazem com que o observador se relacione ou se identifique com a sua própria história e cultura. Como afirma Pina (2019), “O muralismo reserva ainda algumas das características da sua gênese, [...] – por permitirem intervenções de grande escala e, conseqüentemente, possibilitarem uma grande visibilidade às mesmas”. (PINA, 2019, p. 10).

A arte pública, aqui denominada como pintura mural, é um tipo de patrimônio material e imaterial que, há muito tempo (podemos citar os Muralistas Mexicanos), não só faz, como também conta histórias, através de suas narrativas. Segundo Varine (2013), “Mesmo se as pinturas murais sobre os muros cegos, antigos ou recentes, tenham-se tornado moda [...], sabemos o papel que algumas delas desempenharam na inserção dos jovens e na animação urbana. [...]”. (VARINE, 2013, p. 90).

A produção dos murais, bem como a realização das oficinas de arte urbana contam com estratégias de conscientização e aprendizagem, por meio da educação não formal. “Aqui, queremos discutir a utilização do patrimônio para a formação, escolar ou permanente, e para a educação para o desenvolvimento no seio da comunidade. Lembremo-nos mais uma vez que os jovens de hoje são os atores e os tomadores de decisão de amanhã”. (VARINE, 2013, p. 91). A relação da comunidade com seu território, espelhado na arte, mostra aos mesmos novas possibilidades. “O patrimônio, como recurso do desenvolvimento local, não pode ser visto fora dos ritmos da sociedade local”. (VARINE, 2013, p. 111).

Nesta Intervenção, apesar das diversas técnicas usadas (rodas de conversas, anotações, oficinas, leituras, etc.) é na pintura mural que ela tem um papel mais intimista na sua representação. Na intervenção deste projeto, acrescentamos três murais ao bairro Coqueiro da Praia, que escolhemos chamá-los de 3 corpos “errantes”, fazendo referência ao conceito de arte urbana de Lilian Amaral (2013):

Os praticantes da cidade, como os errantes urbanos, realmente experimentam os espaços quando os percorrem, e assim lhes dão corpo, e vida, [...]. A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada. Ela ganha corpo [...], se torna “outro” corpo. Para o errante urbano sua relação com a cidade seria da ordem da incorporação. Seria precisamente desta relação entre o corpo do cidadão e deste outro corpo urbano que poderia surgir outra forma de apreensão da cidade, [...], através da experiência da errância – desorientada, lenta e incorporada - [...], que se inspiraria de outros errantes urbanos e, em particular, das experiências realizadas pelos escritores e artistas errantes. (AMARAL, 2013, p. 3630).

## 5 METODOLOGIA

### 5.1 Tipo de Estudo

Este trabalho possui abordagem qualitativa no campo das artes visuais e arte-educação, com ênfase no método da pesquisa participante. O método, como atesta Thiollent (2011), “Trata-se de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com as quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação” (THIOLLENT, 2011, p. 32), e na qual as ações colaborativas e participativas, que se integram à comunidade e sua ancestralidade, trazem em seu processo de materialização atividades provocativas, como a transformação do local em uma “galeria de arte a céu aberto”, além de uma exposição de artes visuais no Museu da Vila, cujo tema é a própria história do bairro Coqueiro da Praia.

A estratégia metodológica pode ser entendida como um modo de conceber e organizar uma pesquisa social de ordem prática, que esteja de acordo com as exigências da ação e da participação dos atores envolvidos no problema. “Neste processo, a metodologia desempenha um papel de “bússola” na atividade dos pesquisadores, [...] por meio de alguns princípios de cientificidade”. (THIOLLENT, 2011, p. 32).

O estudo interpretou aspectos da pesquisa social aplicada e da pesquisa-ação. As teorias e metodologias, encontradas na literatura consultada, nos auxiliaram na busca por traduzir os aspectos da vida social da Vila Bairro Coqueiro da Praia, de maneira mais acessível à comunidade. Demonstraram-nos, também, através de explanação das técnicas, o que se pôde usar no trabalho coletivo, de forma compartilhada com a população. Apontaram ainda sugestões que despertaram a criatividade dos participantes, na elaboração e produção de seus fazeres, como a criação de desenhos que poderiam ser

usados na pintura mural e em futuros projetos que possam vir a participar ao narrarem outras aventuras dos pescadores artesanais de seu povoado.



Figura 7 – Pescadores em frente ao mural 2, retornando da pesca no mar. Foto: Valdeci Freitas

As práticas descritas na pesquisa social aplicada e as metodologias usadas como referência na pesquisa-ação serão aqui citadas como ferramentas de ação nessa interpretação dos “aspectos”. Ou, ainda, as narrativas criativas tiradas da literatura e das oficinas de pintura mural irão expor ou descrever, com clareza, os modos de vida dos habitantes desse território.

Na museologia, a pesquisa social aplicada e a pesquisa-ação vão praticamente na mesma direção, segundo Thiollent (2011). “Do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional [...]” (THIOLENT, 2011, p.30). Mas existem pequenas diferenças, que poderíamos chamar de ajustes, ou adequação às variedades de questões, como “típicas” da realidade social em que vivemos. Na museologia aplicada, como afirma Cândido (2014, p. 149), é possível deflagrar novos processos museológicos que levam a sociedade a ter uma relação maior de identidade com seu patrimônio. A autora defende ainda ser “o viés aplicado da museologia que lhe garante um canal de projeção no tempo e de transformação social”. (CÂNDIDO, 2014, p.149).

Na interpretação das teorias e metodologias encontradas na literatura consultada, pôde-se perceber o grau de complexidades, consistências e até “simplicidades” nessas metodologias de investigações sociais. Nas quais, o método deve ser sempre adequado para cada situação, sobretudo se considerarmos “aspectos” mais abstratos. Ao investigar territórios, como o do Coqueiro da Praia ou ambiente social mais popular, por exemplo, deve-se escolher metodologias variadas, como a entrevista directiva ou semi directiva, a da observação ou a da pesquisa-ação. Esta última, por trabalhar com conceitos mais abstratos, como o que afirma Quivy (2005), sobre a construção do conceito:

A conceptualização é mais do que uma simples definição ou convenção terminológica. É uma construção abstracta que visa dar conta do real. Para isso não retém todos os aspectos da realidade em questão, mas somente o que exprime o essencial dessa realidade, do ponto de vista do investigador. Trata-se, portanto, de uma construção-selecção. (QUIVY, 2005. P. 121).

A pesquisa-ação para um trabalho exploratório, que envolveu planos de oficinas, observação e interação com a população da comunidade Vila Bairro Coqueiro da Praia, mostrou-se mais adequada pelo grau de flexibilidade nas ações investigatórias. Pois a mesma apresentou-se mais abrangente, digamos assim, para traduzir os aspectos da vida social dos moradores, além de tornar mais acessível às diferentes faixas etárias.

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 22).

A comunidade Vila Bairro Coqueiro da Praia (denominada também como Ecomuseu), localizada no município de Luís Correia, meio norte do Piauí/Brasil, tem, segundo (IBGE, 2017), uma população (55,4%) com renda per capita de até 1/2 salário-mínimo mensal, situação agravada por problemas sócio/políticos, econômicos e culturais. É uma vila de pescadores de origem indígena, que há muito tempo ainda tiram seu sustento da pesca artesanal. E que, ao longo desses “fazeres”, acumularam um rico patrimônio natural e imaterial.

E como exemplo do que se pretendeu construir e interpretar aqui, em termos de Patrimônio, comunidade, território, usuário e sustentabilidade, criamos um plano de ação prática com oficinas de pintura mural. Para isso, foram utilizadas metodologias como a da Arte-educação de Ana Mae Barbosa (2011), que trata do fazer (produção), apreciar (leitura da obra) e contextualizar (relação com mundo da arte) “[...] em nossa cultura produzimos arte porque apreciamos arte e gostamos de conversar sobre arte”. (BARBOSA, 2011, p. 50).

O trabalho de pintura coletiva, de forma compartilhada entre comunidade e participantes, representou os aspectos dessa população, por meio de narrativas impressas nos murais. A ação, com a arte urbana, colocou em evidência e de forma didática, os fazeres e saberes culturais do território.

Os modelos anteriores se apoiam na ideia de arte como um sistema autônomo, derivado da relação entre o sujeito criador e o objeto criado. Agora entramos na pós-modernidade onde uma nova perspectiva vem sendo formulada que concebe a arte, não como um saber normatizado, nem como expressão interior, nem como linguagem, mas como um fato cultural. (BARBOSA, 2011, p. 47).

Nessa perspectiva, os diálogos entre nós (artistas e investigadores), os participantes das oficinas e os interlocutores da comunidade, tiveram a oportunidade de se comunicar, de interagir, e trocar conhecimentos. Pois, como

caracteriza Thiollent (2011), “[...] a passagem do conhecer ao agir se reflete na estrutura do raciocínio, [...]” (THIOLLENT, 2011, p. 47).

As práticas que descrevem a pesquisa social aplicada aos moradores do Coqueiro, bem como, as metodologias usadas nesse processo, podem ser citadas aqui como ferramentas de ação e de investigação, como na interpretação dos “aspectos” sócio/ambientais e culturais. “Em pesquisa social aplicada, e em particular no caso da pesquisa-ação, os problemas colocados são inicialmente de ordem prática. Trata-se de procurar soluções para se chegar a alcançar um objetivo [...]” (THIOLLENT, 2011, p. 62).

As narrativas criativas, sugeridas e citadas no plano de oficinas, foram colocadas em evidência pelo projeto de pintura mural Muralistas do Coqueiro. Mas são também citados aqui como características da ecomuseologia social, em comparação com a pesquisa social aplicada, como afirma Leite (2016).

Uma museologia que seja capaz de testar todas as possibilidades de gestão do território e de utilização dos seus recursos, mobilizando a criatividade local e colocando em marcha um projeto coerente de valorização do patrimônio cultural com o objetivo de aumentar o bem-estar, não apenas econômico, da comunidade local, mas também pela valorização cultural, pela beleza da paisagem e pelo fortalecimento do capital social comum. (LEITE, 2016, p. 61).

O fazer artesanal, como o da arte, o da construção de embarcações utilizadas pelos pescadores; o saber-fazer que passa de geração em geração pelos ancestrais da Vila Coqueiro da Praia. O plano de ação da pintura mural, como proposta de intervenção, descrito como oficinas de arte-educação, é a maneira de trazer também outros objetivos, como, por exemplo, os de conscientizar os participantes e não participantes sobre sua própria história e cultura. Como citou Pinheiro (2015), sobre essas famílias:

[...], membros de famílias de pescadores/as, de artesãos/as da Ilha; atinge diretamente essas famílias e indiretamente aproximadamente 2.000 pessoas que moram e trabalham na ilha, dentre jovens e idosos, que conhecem gradativamente as metodologias possíveis de educação ambiental e patrimonial, como as rodas de conversa e oficinas, que nos auxiliam no registro do patrimônio cultural imaterial. (PINHEIRO, 2015, p. 65).

Pode-se dizer que o projeto de oficinas Muralistas do Coqueiro de pintura mural trouxe para o território Coqueiro da Praia, por meio da arte pública (pinturas murais), o impacto visual que facilitará, daqui para frente, a comunicação entre as comunidades e seus usuários. Sobretudo, na parte de conscientização da população (interna e externa), além da educação patrimonial e de memórias históricas e culturais.

## 5.2 Coleta de Dados

A pesquisa-ação para o projeto ARTE MURAL NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA teve início em novembro de 2019, com o mural “Experimental”, pintado na parede externa do Museu da Vila. Esta pintura fez parte de uma série de atividades relacionadas à exposição “Nós do Coqueiro”, realizadas pelos mestrandos da 5ª turma do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI / Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr, da qual fui membro integrante como mestrando.

## Esboço para o Mural Experimental, no Museu da Vila, em 2019

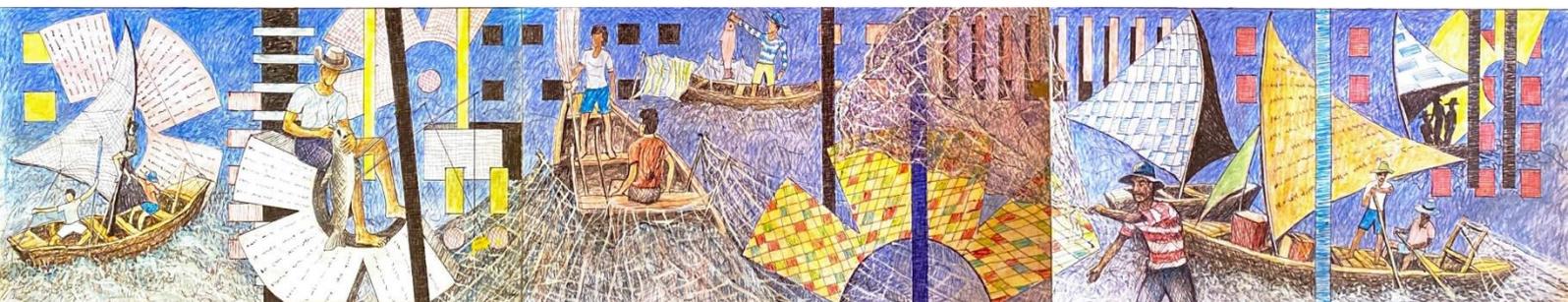


Figura 8 – Esboço do Mural Experimental – com base em pesquisa preliminar – 3,50 m x 21,00 m. Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura.

A pesquisa realizada para este mural foi feita com base em observação, por meio de caminhadas pelo bairro Coqueiro, conversas com moradores e através de vídeos do Programa de Mestrado e de imagens públicas, extraídas da internet. Portanto, o mesmo, não se somará aos outros três murais a seguir.



Figura 9 – Detalhe a). da figura 8 – Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura



Figura 10 – Detalhe b). e c). da figura 8 – Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura



Figura 11 – Pintura do mural experimental – Museu da Vila – 3,50 x 21,00m. Acrílica sobre parede, 2019. Pintura e foto: Valdeci Freitas.

Os três murais (produtos do relatório final): a pesquisa de campo, com fins de coleta de dados históricos, culturais e de memórias para estes murais, se deu através de roda de conversas, anotações, desenhos, fotografias, depoimentos gravados e conversas dirigidas e informais. Entre elas, a realizada com o Sr. José Antônio Vieira Galeno (vulgo) Sr. Antônio da Laura.

A pesquisa-ação durou todo o processo de produção dos esboços, desenhos e das três obras públicas de pinturas murais. Sendo duas obras murais de produção participativa – Número 1: “Heróis do mar” - acrílica sobre parede, 200 x 2000 cm. Número 2: “A pesqueira” – acrílica sobre parede, 200 x 1000 cm. E a obra mural coletiva participativa – Número 3: “Sem título” – acrílica sobre parede, 270 x 2100 cm. Esta última, em parceria com a mestrandia Elem Wylfa Brito de Assis, que o aproveitará como cenário do espetáculo de dança de rua contemporânea.

O conteúdo dos 2 primeiros murais, com pintura participativa, como já mencionado, foi a partir das descrições extraídas das rodas de conversas com os moradores e pescadores do Coqueiro. Como o depoimento do Sr. José Antônio Vieira Galeno (2021), sobre a pesca de um tubarão martelo (vulgo) “cornuda”. Narrativa representada no mural nº 1. “Heróis do mar”.

O tubarão bateu na rede – nylon 80 – enrolou-se na rede e começou a carregar, puxando-nos contra a maré enchendo, quando o pescador disse: aí está teu peixe, vamos pegar! Era o Sr. Fem, doido pra irmos embora. Daí, o outro pescador fez um alerta: rapaz, vamos pegar logo a rede ou o peixe vai levá-la embora! Era o Sr. Bidolo. Começamos, então, a puxar a rede que estava muito pesada e com movimentos e puxões para todos os lados. (GALENO, 2021).

Na continuação da “labuta”, quando eles se aproximaram do final da rede, lá estava um enorme tubarão que segundo Galeno (2021), o bicho era quase do tamanho da canoa e estava com a rede enrolada na cabeça, como se estivesse dado um nó.

Aí eu meti o arpão na cornuda, acertando acima da guelra dela. Atingida e presa a corda do arpão e enroscada à rede, ela disparou para baixo, nadando a toda profundidade, até o chão (por sorte, era o tamanho da corda do arpão e da rede). Quando ela “chapeou” no fundo do mar, nós a puxamos para cima e a matamos. (GALENO, 2021).

O Sr. José Antônio Vieira Galeno (Sr. Antônio da Laura) afirma ainda que o tubarão pesou 300 kg e tinha 36 filhotes na barriga que pesavam 1,1/2 kg (um quilograma e meio) cada.

A narrativa representada no mural nº 2, “A pesqueira”, surgiu de depoimentos de pescadores e pescadoras que descreviam uma antiga pesqueira no mar do Coqueiro, onde se comercializavam os peixes. E a opção de colocar as mulheres como protagonistas, na comercialização dos peixes, foi o uso da licença poética na composição narrativa do mural.

O 3º mural coletivo participativo (com as oficinas) foi a partir de desenhos criados pelos jovens participantes (Muralistas do Coqueiro) e de histórias extraídas de conversas colaborativas com a turma da dança de rua do espetáculo que será exibido no próprio local, onde se encontra o mural, o qual servirá de cenário para o teatro de rua mencionado anteriormente.

Acreditamos que este projeto de arte urbana, com os três murais, poderá mudar para melhor a realidade deste bairro. Pode-se dizer ainda que vai trazer,

para o território Coqueiro, a valorização de seus fazeres artísticos e artesanais. E o impacto visual dos murais facilitará a comunicação entre a comunidade e seus usuários, sobretudo, na parte de conscientização da população (interna e externa), além da educação patrimonial, histórica e cultural.

Entende-se também, que atitudes criativas como estas, de intervenções com a arte pública, podem aproximar pessoas, artistas e comunidades. Pois acreditamos que há, no ser humano, uma chama artística que precisa ser “abanada”, para que cresça e se materialize em “produtos”.

A concepção conceitual, composição e produção do 3º (terceiro) mural foi por meio da criação de um grupo coletivo “Muralistas do Coqueiro”, com disponibilização de um tempo de 60 h/aulas, usado como requisito de estágio, para obtenção do título de mestre do Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI/UFDPAr. Com oficinas de pintura mural, com quatro jovens participantes: Fernando Carvalho da Costa, Fidel Brito de Oliveira, José Armando Oliveira Pereira e Samuel da Silva Aragão, ministrado por este autor, que é orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho.

Nas oficinas de pintura mural, levou-se em conta a formação do artista visual em seu processo de criação, iniciada através de desenhos, da troca de ideias e do planejamento em Coletivo; com cabeças pensando em prol da construção de uma obra de arte pública que estivesse à altura de interpretar os valores patrimoniais dos moradores do bairro Coqueiro, assim como, satisfazer o orgulho dos participantes envolvidos na produção do mural, como deve ser feito na arte urbana.

Nesta perspectiva, o projeto de oficinas Muralistas do Coqueiro, inspirados nos Muralistas Mexicanos, na Arte Urbana e no processo de Arte-educação, de Ana Mae Barbosa (2011), apresentou uma proposta de intervenção no espaço público da Vila de Pescador, Praia do Coqueiro. A proposta inclui ainda, para o futuro, obras em paredes e muros da comunidade, nas quais se possam trabalhar conceitos teóricos e práticos ligados à Arte Contemporânea e a dos grandes centros urbanos.

Dessa forma, a junção de ideias e conceitos, materializados no trabalho coletivo participativo dos jovens e colaboradores, em que cada participante expressou sua poética, seu “espírito de artista”, formará um conjunto harmonioso e integrado à obra de arte mural, que transmitirá ao observador reflexões acerca dos saberes e fazeres ancestrais, da história e da identidade cultural do território.

### 5.3 Aspectos Éticos

A intervenção com os três murais no bairro Coqueiro da Praia, bem como, a construção das narrativas e representações artísticas expressas nas obras, contou com o apoio e consentimento dos moradores e do Programa de Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr .

## 6 MEMORIAL DESCRITIVO

### 6.1 Descrição dos Murais

O mural nº 1 mede 2,00 m de altura por 20,00 m de comprimento, total = 40 m<sup>2</sup>. O mesmo é dividido em duas partes: **(a e b)**, de 2,00m x 10,00m, cada; nelas, há narrativas diferenciadas, do mesmo tema, sobre os “heróis do mar”. A parte **a)** apresenta a captura de um tubarão martelo (cornuda) de 300 kg, pescado por três pescadores: o Sr. Antônio da Laura, o Sr. Bidolo e o Sr. Fem, todos profissionais inexperientes na época do ocorrido, 1989. Afirma, em depoimento gravado, o Sr. Antônio da Laura, pescador, hoje, muito respeitado pelos colegas profissionais.

A parte **b)** apresenta a pesca artesanal, no sentido tradicional, abordando a sustentabilidade da pesca no mar.

Esboços de narrativas que orientaram na composição do mural nº 1



Figura 12 – Esboços das partes (a e b) do Mural nº 1 – “Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Desenho: Valdeci Freitas. Foto: Cássia Moura

A soma das partes (a e b) do mural 1, correspondem às seguintes medidas: 2,00 m de altura por 20,00 m de comprimento. Total = 40 m<sup>2</sup> de área pintada (nas duas partes).

Imagem do Mural nº 1 pronto. E, na sequência, mais outros detalhes



Figura 13 – Parte a) do mural nº 1 – finalizado. Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m.  
Pintura e foto: Valdeci Freitas

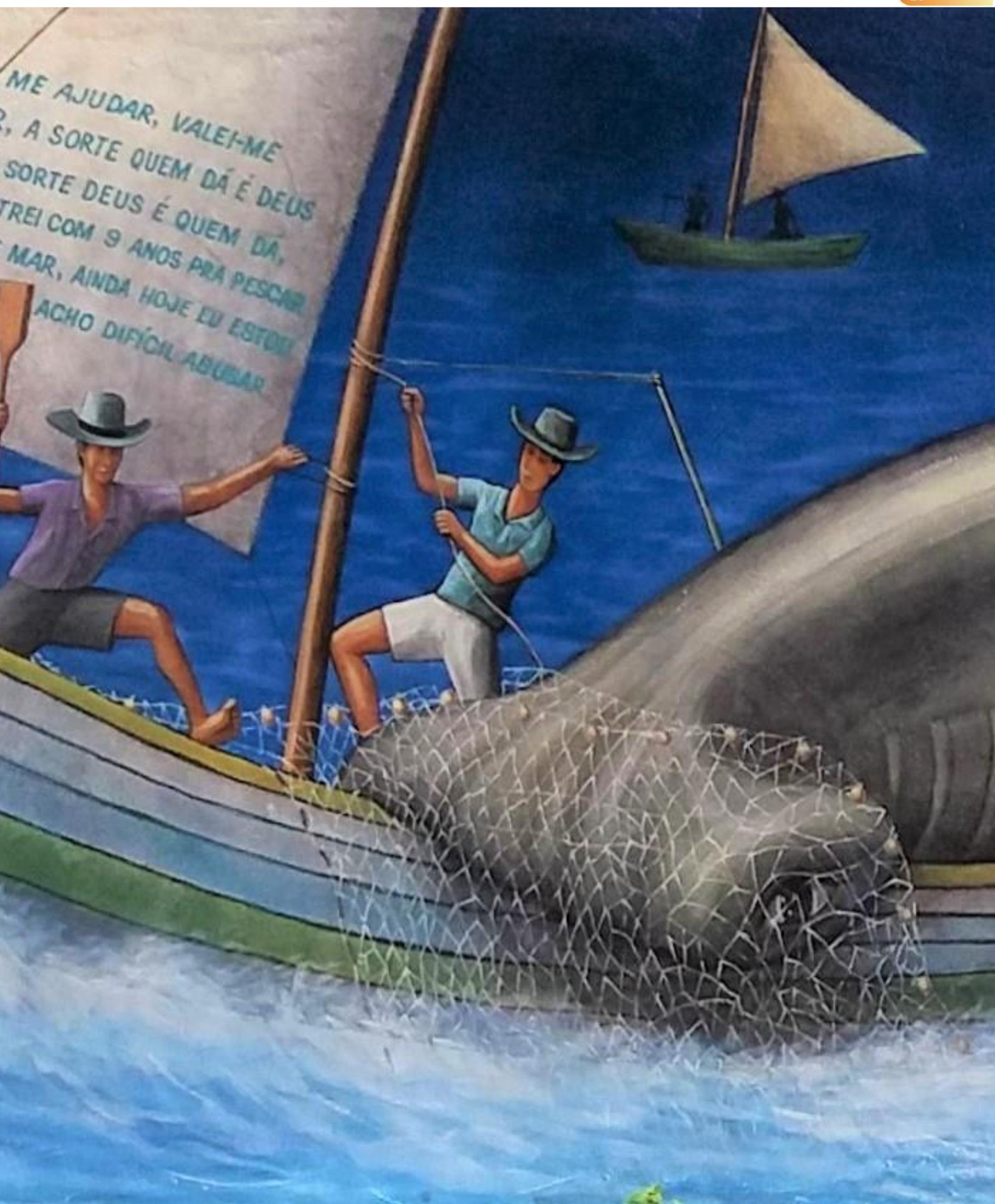


Figura 14 – Detalhe (parte a) do mural nº 1 – Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas



Figura 15 – Parte b) do mural nº 1 – finalizado. Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

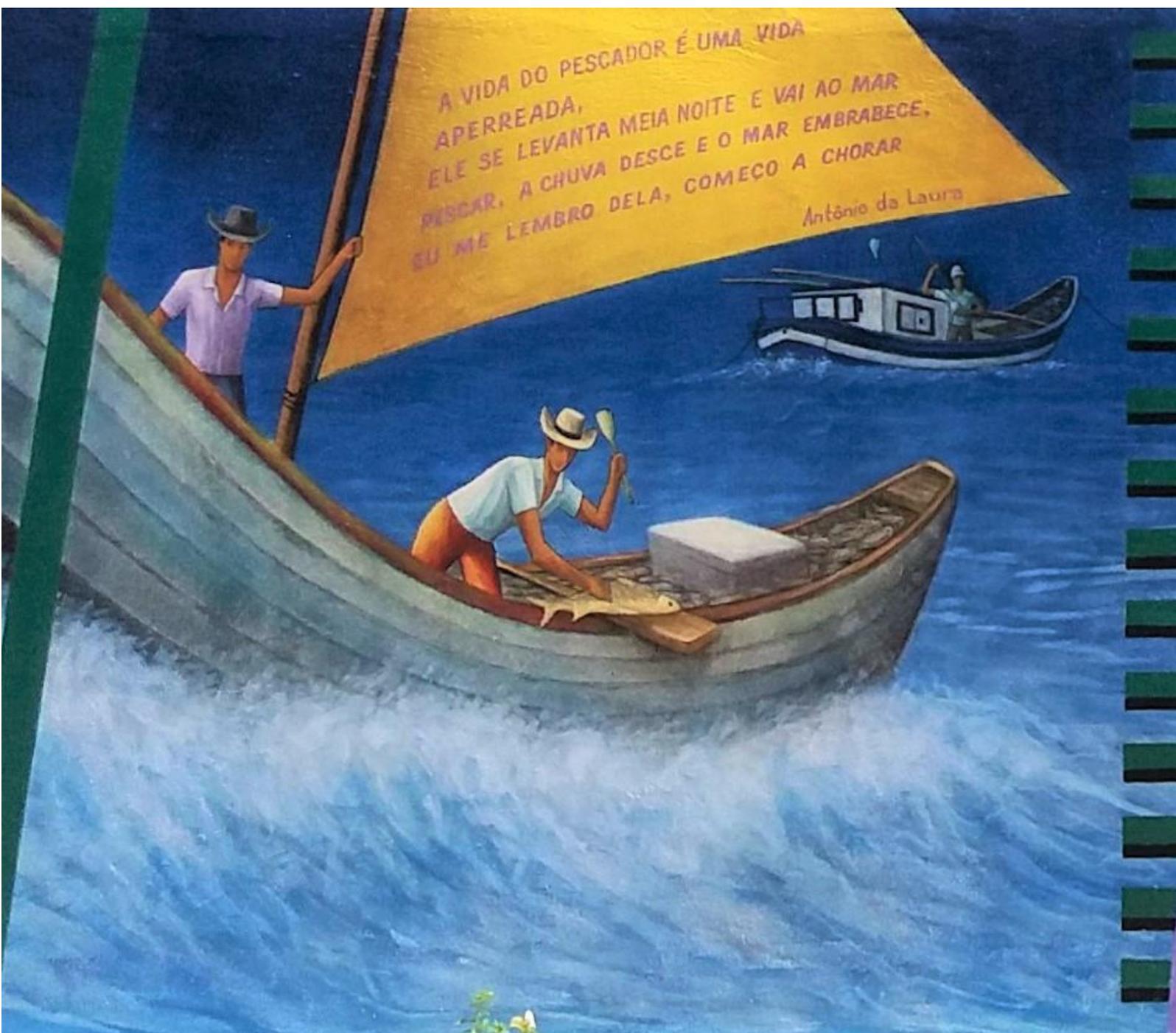


Figura 16 – Detalhe (parte b) do mural nº 1 – Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

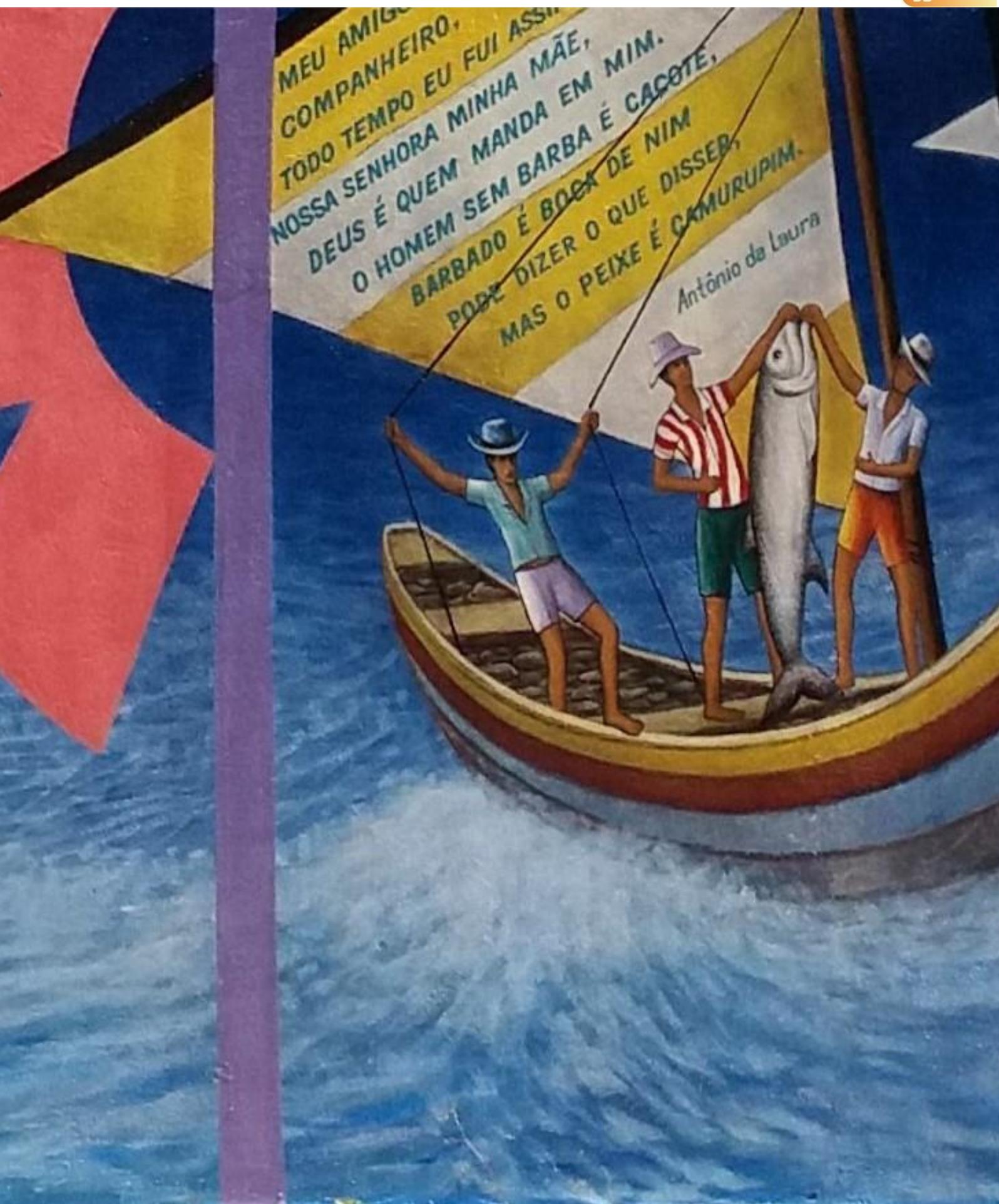


Figura 17 – Detalhe (parte b) do mural nº 1 – Título: “Os Heróis do mar” – 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas



Figura 18 – Valdeci Freitas – processo de criação e produção do mural nº 1. Fotos: Cássia Moura

## Mural nº 2 – título: “A Pesqueira”

O mural nº 2 mede 2,00 m de altura por 10,00 m de comprimento, total = 20 m<sup>2</sup>. Neste, o tema continua sendo a pescaria, mas com uma narrativa que aborda a comercialização dos peixes, tratados e vendidos na pesqueira. Estrutura de madeira, coberta de palhas, normalmente localizada na praia, de frente para o mar. Local de saída e chegada das canoas e dos barcos e, também, utilizado pelos antigos pescadores para o ancoramento das embarcações, bem como, para encontros, distribuição, e venda dos peixes.

Esboço de narrativas que orientaram na composição do mural nº 2 – “A Pesqueira” – com as mulheres comercializando os peixes.

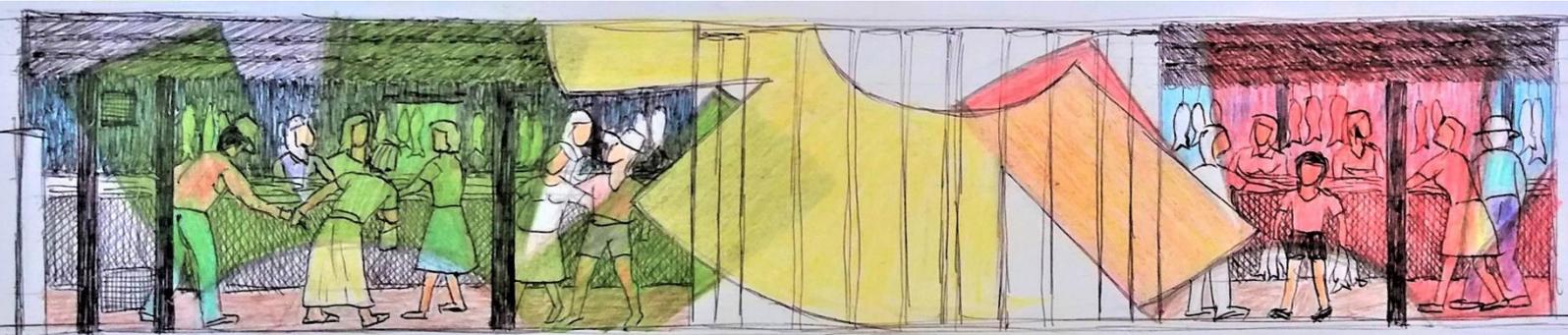


Figura 19 – Esboço do mural nº 2 - “A pesqueira” - 2,00 m x 10,00 m. Desenho e foto: Valdeci Freitas

Imagem do Mural nº 2 pronto. E, na sequência, mais outros detalhes



Figura 20 – Mural nº 2 pronto – Título: “A Pesqueira” – 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

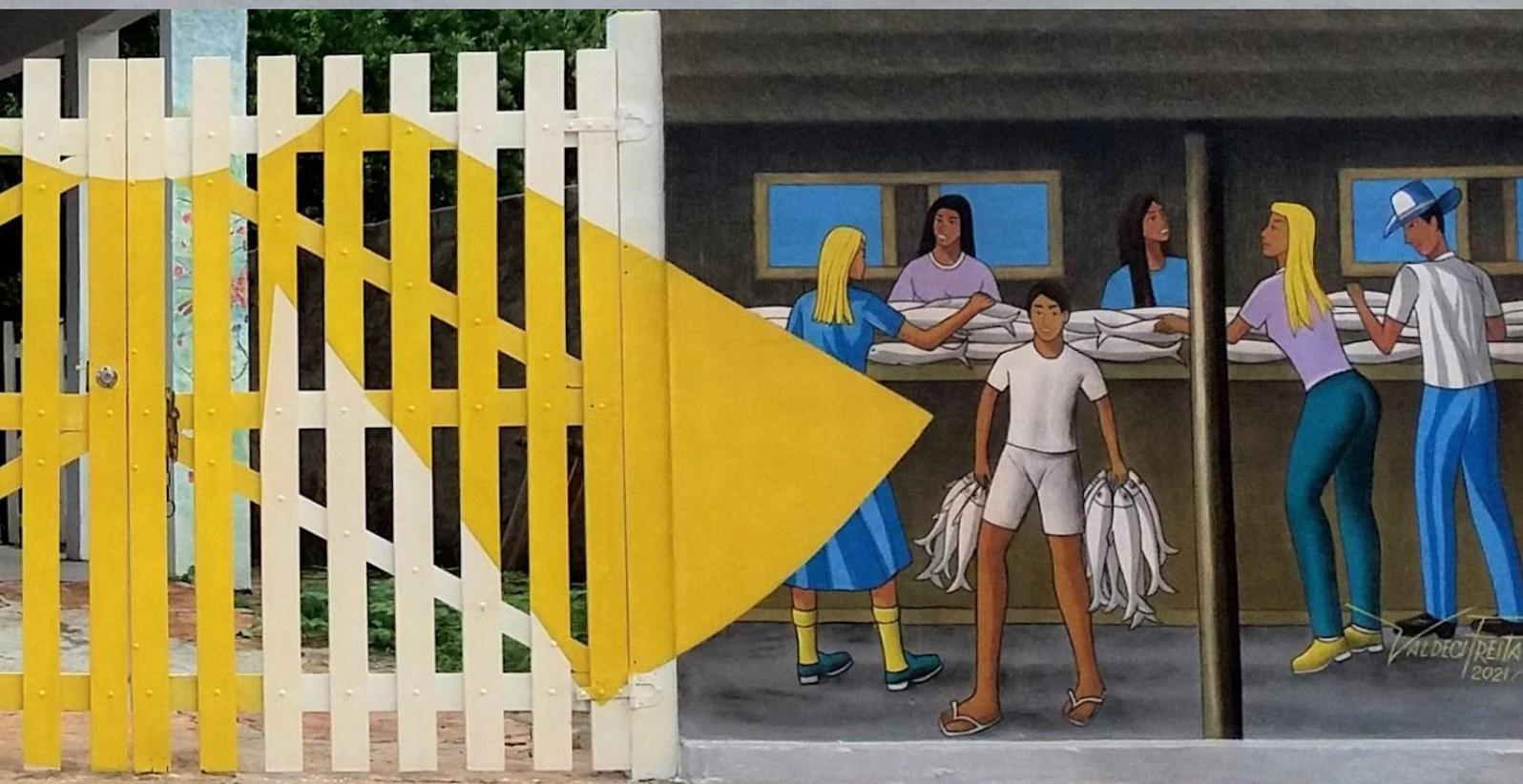


Figura 21 – Detalhes do Mural nº 2 pronto. Título: “A Pesqueira” - 2,00 m x 10,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

### Mural nº 3 – título: “Sem título”

O mural coletivo nº 3 mede 2,70 m de altura por 21,00m de comprimento, total = 56,70 m<sup>2</sup>. Esta obra, última a ser pintada, resultou da colaboração dos participantes, nas oficinas e em parceria com a mestrandia Elem Wylfa Brito de Assis – Elem Brito – que havia criado uma peça de teatro e dança, considerando a rua e o mural como cenário. Para tanto, acertamos trabalhar com a temática, os animais em extinção e a descaracterização do patrimônio natural – provocado pela ocupação desordenada do território. Título do espetáculo: “Ciranda da Mãe Natureza”. A composição do mural visou também a conscientização dos usuários em relação ao meio ambiente e ao uso do mesmo como cenário do espetáculo de dança contemporânea.

### Esboço de narrativas que orientaram na composição do mural nº 3



Figura 22 – Esboço para o Mural nº 3. Título: “Sem título” – 2,70 m x 21,00 m. Desenho e foto: Valdeci Freitas

Imagem do mural nº 3 pronto, finalizado.  
E, na sequência, mais detalhes ampliados do mesmo mural.

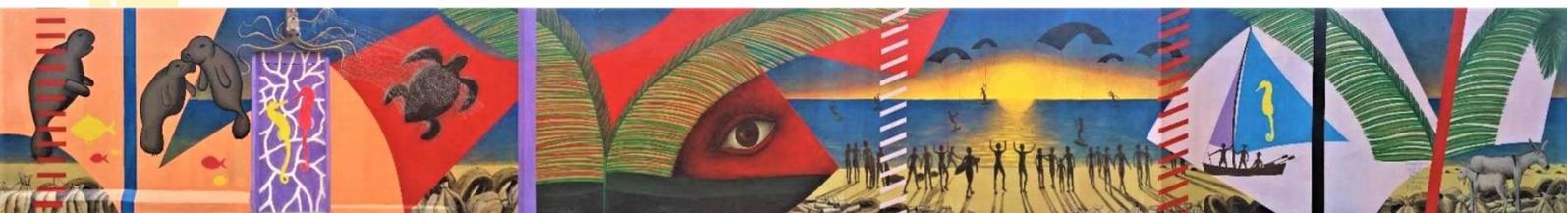


Figura 23 - Mural nº 3 - completo. "Sem título" - 2,70 m x 21,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas





Figura 24 – Detalhes do Mural nº 3 – pronto. “Sem título” – 2,70 m x 21,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas



Figura 25 – Detalhes do Mural nº 3 – pronto. “Sem título” – 2,70 m x 21,00 m. Pintura e foto: Valdeci Freitas

Os três murais estão localizados na rua Manoel Mariscal, no centro do Bairro, e integram o percurso da nova exposição do Museu da Vila – Memórias e do ECOMUDE. A avaliação deste trabalho se deu a partir da observação, do desenvolvimento e envolvimento dos participantes nas oficinas, bem como da observação dos resultados obtidos na construção e que foram registradas em fotografias, durante todo o processo de criação e produção, com possibilidades para futuras mostras presenciais e virtuais.

As narrativas criativas, mencionadas no projeto de oficinas, colocaram em evidência o saber-fazer da arte da pesca artesanal, assim como a sustentabilidade dos processos, utilizados por esses pescadores e que passam, de geração em geração, pelos ancestrais da Vila Coqueiro. O plano de ação da pintura mural trouxe também outros objetivos, como, por exemplo, o de conscientizar os participantes e não participantes sobre sua própria história e cultura; além de trazer para o território, por meio dos murais, o impacto visual que facilitará a comunicação entre a comunidade e seus usuários.

As oficinas ocuparam, de forma simples e criativa, o imaginário dos moradores em relação ao universo do saber fazer ancestral, despertando neles um interesse revigorado pelo reconhecimento e salvaguarda dos fazeres artesanais. Como nos exemplos das lendas e pescadores artesanais, citados por Pinheiro (2015). “[...]; lendas, mitos...; um rio, um mar, um delta...; um território repleto de sons e imagens...; muitas histórias e memórias passadas de geração a geração de pescadores, artesãos, [...]” (PINHEIRO, 2015, p. 63).

As narrativas tiradas da literatura e do processo criativo das oficinas e pintura mural expressaram com clareza os modos de vida das comunidades habitantes de territórios como o do Coqueiro da Praia, bem como a de outros espaços e estilos, como os mencionados no conceito metodológico citado por Deslandes (2002):

A metodologia não só contempla a fase de exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimentos dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados. (DESLANDES, 2002, p. 43).

Para melhor definir ou traduzir questões sociais de identidades culturais, como elemento complementar, além da arte, só recorrendo a autores como Beaud (2007) que diz: “Toda pesquisa em ciências sociais navega em três universos distintos, mas fortemente inter-relacionados. Você não será exceção, pois está na interseção desses três universos e é por isso que lhe cabe a tarefa de uma tripla tradução. [...]” (BEAUD, 2007, p. 34). Os três universos citados acima por Beaud (2007) são:

1. Universo da “demanda social” – aquele em que se formulam questões sociais; [...].
2. Universo acadêmico – que propõe assuntos de pesquisa; [...].
3. Universo dos “jornalistas e universitários” (distintos dos dois primeiros) – aquele em que preferem perguntar a responder; [...]. (BEAUD, 2007, p. 34).

Como produto: os murais, as oficinas, seguidas de produção artística, além de interpretar os aspectos da pesquisa social aplicada, da pesquisa-ação e das ações práticas efetivadas pelas atividades de campo, apontaram para um novo conceito de narrativas criativas. As entrevistas e as literaturas consultadas nos direcionaram para uma maneira diferente de expor os modos de vida da comunidade habitante do território Coqueiro da Praia. A pintura mural e as oficinas contribuíram também para revelar o potencial artístico de 4 jovens do Bairro Coqueiro, além de incentivá-los a um melhor relacionamento com a cultura, o patrimônio e seus saberes ancestrais.

## 6.2 Aspectos Técnicos

Materiais e equipamentos usados na produção e pintura dos murais: tinta acrílica especial semi brilho da SUVINIL/Glasurit; pigmentos e resina acrílica SUVINIL; tinta spray para grafite; rolinhos de espuma de 5 cm, de 10 cm e 15 cm; pincéis comuns e especiais; papel Canson e telas, entre outros equipamentos para pinturas. Estimativas de recursos financeiros: produção, oficinas, materiais artísticos, entre outras despesas, estimados em: R \$5.000,00 (cinco mil reais).

## Uma rápida descrição do que é arte urbana

Arte Urbana (*Street Art*) é um tipo de arte praticada em locais públicos, nas ruas, praças etc., no caso deste projeto específico, nas paredes e muros do Bairro Coqueiro da Praia e que se manifesta por meio da pintura mural. Uma linguagem artística contemporânea que interage diretamente com os indivíduos, usando como suporte, segundo Vera Pallamin (2000, p. 50), espaços públicos onde aspectos da memória social assumem importância frontal. Ela possui um caráter dinâmico e efêmero, tendo como sua principal salvaguarda o registro fotográfico.

Esse tipo de expressão artística, ou comunicação por meio da pintura, é muito antiga. Mas o que queremos apresentar aqui, é só um “recorte” de uma arte pública mais recente. A pintura mural, como a conhecemos desde os Muralistas Mexicanos (1920-1930), é uma manifestação de grande poder comunicativo, sobretudo, na população menos assistida socio/culturalmente. “A ação conjunta de intelectuais e artistas no contexto social e cultural do México nos anos de 1920 e 1930, corrobora a intrínseca relação entre o pensamento social e político mexicano e o movimento muralista.” (BEAUCLAIR, 2005, p. 7).

No Muralismo Mexicano, segundo Jacob (2012), são contemplados três grandes heróis: “Diego Rivera, José Clemente Orozco e David Alfaro Siqueiros. Eles são considerados os principais muralistas mexicanos da primeira grande geração, que abrange os anos de 1920 até a década de 1940. (JACOB, 2012, p. 1).

Seus murais, além de uma poesia e estética refinadas, "demonstram a estreita relação com o pensamento social e político, principalmente, no que se refere à modernização social e cultural, traduzida na representação e valorização da história das populações indígenas" (BEAUCLAIR, 2005, p. 6).

A pintura mural ou arte pública, como se apresenta aqui, sempre esteve associada às comunidades, sobretudo, aos conflitos sociais, políticos e econômicos. Como o que aconteceu em países como nos EUA, entre os anos

sessenta e setenta, com o Movimento *Hip Hop* e o “nascimento” do Graffiti (uma derivação da arte pública). Essa relação entre arte e comunidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento sociocultural de determinada sociedade. Como aponta Nunes (2010): “a inclusão de representantes não artísticos da comunidade nas comissões e comitês de seleção e revisão das obras de arte pública” (NUNES, 2010, p. 52). No contexto urbano, Nunes (2010) afirma:

Um dos exemplos mais significativos como origem da arte comunitária nos Estados Unidos - desenvolvido no espaço público em colaboração entre artistas e comunidades locais – são os murais que começaram a ser elaborados nos finais dos anos sessenta e primeiros anos da década de setenta. Os trabalhos se realizaram normalmente nos guetos de comunidades latinas e afro-americanas das grandes cidades de todo o país, bairros que sofriam, em sua maioria, sérios problemas de pobreza, dificuldade de adaptação e racismo (NUNES, 2010, p. 52).

No Brasil, a arte urbana começou a ganhar notoriedade a partir de São Paulo, entre os anos 1970 e 1980. Segundo Leite (2013), “[...] os artistas atuantes nos anos 1970 e 1980 imprimiram os primeiros rostos da arte urbana paulistana; problematizando a negação dos acessos e propondo novos circuitos culturais.” (LEITE, 2013, p. 40).

A arte urbana começa a se consolidar, enquanto linguagem das artes visuais contemporâneas, no nosso país, por volta dos anos 1980. Tendo o artista Alex Vallauri sido um dos precursores da arte urbana no Brasil.

Aqui no Brasil inegavelmente tivemos um grupo de artistas precursores bastante heterogêneo [...], podendo destacar naturalmente por motivos consensuais a obra do ítalo-etíope Alex Vallauri, revelando-o como um personagem singular dentro do cenário da arte urbana brasileira, [...] influenciando e incentivando novos artistas e gerações posteriores. Vallauri, [...] valendo-se de seus ícones mais famosos, como a bota preta de cano alto e salto agulha, a Rainha do Frango Assado, o Mandrake, [...] foi o primeiro grande estopim para o reconhecimento [...] daquela arte feita nas ruas como arte genuína e digna de respeito, tanto por parte da população como das autoridades e especialistas em arte contemporânea (LEITE, 2013, p. 51).

Em São Paulo, capital, segundo Leite (2013, p. 77), no dia 27 de março é comemorado, em nome do artista Alex Vallauri, o Dia Nacional do Graffiti. Apesar de essa data nunca ter sido oficializada nacionalmente. “Na cidade de São Paulo, a data já foi oficializada através da lei municipal 13.903, proposta pelo vereador Odilon Guedes e assinada em 4 de novembro de 2004” (LEITE, 2013, p. 77). Essa data (27/03/1978) é o dia seguinte ao falecimento do artista.

A história é a seguinte. No dia 27 de março de 1987 um grupo de grafiteiros amigos de Alex Vallauri resolveu fazer uma homenagem a este grafiteiro falecido no dia anterior. Vários artistas [...] celebraram a vida e a obra daquele que é tido como mestre por toda uma geração de grafiteiros. A intervenção de grande impacto foi tema de manchete de um grande jornal da capital que anunciou aquele evento como a instituição do Dia Nacional do Graffiti. E assim foi. Um movimento espontâneo, com grande carga afetiva, que se recusava a ser um luto. E nisso um bom clichê ajuda a explicar: vai-se o artista, fica sua obra (LEITE, 2013, p. 54-51).

Dessa forma, podemos enxergar a Arte Mural ou arte pública como um instrumento importantíssimo de comunicação e interação com as comunidades. No caso deste projeto Arte Mural na Vila Bairro Coqueiro, em que se reúnem Comunidade e Universidade, por meio da pintura mural, as intenções se coadunam no aspecto social, educativo e cultural. Assim, a memória afetiva e a ancestral assumem importância frontal nesse processo. As três obras em pintura mural, portanto, associadas às oficinas e ao conceito de educativo patrimonial, poderão contribuir para desenvolver nas pessoas o sentimento de pertença dos moradores do bairro Coqueiro.

### 6.3 Educativo Patrimonial

A educação patrimonial vem sendo uma prática crescente em museus e espaços públicos, nacionais e internacionais. Esse tipo de ação “não formal” tem contribuído muito com a conscientização e desenvolvimento de territórios como o do Coqueiro. Mas como traduzir a realidade de nosso ambiente, como valores, características e atribuir sentidos ao meio em que vivemos? O projeto de arte mural traz proposições acerca da educação patrimonial – natural, material e imaterial à Vila Bairro Coqueiro da Praia, através da contação de histórias e de trabalhos práticos com jovens e idosos da Vila.

O Coqueiro, hoje, é uma vila de pescadores – em transição para a condição de bairro. Acreditamos que essas histórias expostas por meio da imagem, da cor e de figuras pintadas irão impactar positivamente a comunidade e seus usuários. Os moradores dividem esse paraíso, rico em memórias e saber-fazer ancestral, com os visitantes de veraneio, que na maior parte das vezes não dão a mínima para o cuidado, a preservação ou a conscientização dos valores que existem nesse ecomuseu.

Uma das diretrizes desse projeto foi associar, de forma estratégica e até oportuna, essa aprendizagem cultural e patrimonial às Artes Visuais, como a contação de história, o desenho e a pintura mural. Como ação, optou-se por reconfigurar esse material, imagens etc. e fazer uma exposição no Museu da Vila, envolvendo todo o território Coqueiro. De maneira que as histórias contadas fossem reinterpretadas pelo coletivo e pelos participantes das oficinas de arte, dando a elas novas configurações artísticas.

As imagens criadas e construídas, enquanto composição estética, receberão apreciação mais interativa do público interno e externo à comunidade, acarretado uma comunicação mais renovada pelas novas narrativas do passado histórico da Vila, expostas nas pinturas. “O novo é mais fácil de ser entendido quando visto como uma evolução de formas do passado” (KRAUSS, 2008, p. 129). Uma forma concebida segundo o contexto atual do coletivo participante.

Nas oficinas de pintura mural, procurou-se trabalhar todo o processo criativo e produtivo da arte urbana contemporânea. E nelas, incluiu-se também a leitura de imagens, como parte da aprendizagem. Entre as metodologias usadas, enquanto arte-educação, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2011): “A Proposta Triangular vem nesta direção designar os componentes desse ensino por três ações mentalmente e sensorialmente básicas: a produção (fazer artístico), a leitura da obra ou imagem e a contextualização”. (BARBOSA, 2011, p. 50).

O conceito artístico e subjetivo, utilizados na educação patrimonial (educação não formal), através da produção de imagens, desenhos, pinturas e de arte pública, bem como a exibição das obras no Museu e no seu entorno, proporcionaram novidades positivas ao sentimento de pertença cultural dos participantes e da população como um todo. “Como vemos, na arte tudo adquire significado. Falamos através do discurso e do veículo. [...] Uma imagem pode dizer mais do que um texto de muitas páginas, [...]” (VILLAÇA, 2014, p. 79).

Em outra perspectiva, a educação não formal por meio da “leitura” de imagens – cujos conteúdos se constroem a partir de narrativas reconfiguradas por artistas e colaboradores que se utilizaram da criatividade para dar a elas um viés mais conceitual – vem causando impactos significativos à memória da comunidade e dos visitantes do território. Sobretudo, ao exhibir os modos de vida dos habitantes desse “ecomuseu”. Trata-se, portanto, de obras de arte que incluem desde história oral, fazeres artesanais, desenhos e pinturas em murais, com representações do patrimônio cultural desses moradores. Como leitura dessas obras, Barbosa indica três ações:

A proposta indica três ações: ler, fazer e contextualizar. [...]. Neste contexto, o eixo da proposta passou a ser a leitura contextualizada da obra ou imagem. Porém, precisamos entender esta leitura não apenas como leitura crítica da materialidade da obra e de seus princípios decodificadores, mas também como leitura de mundo, como indica Paulo Freire. [...]. Neste sentido, este princípio de leitura está mais próximo da idéia de interpretação cultural e a ação contextualizadora está intrinsecamente relacionada ao ato de ler, ouvir... perceber e significar o mundo. (BARBOSA, 2011, p. 51).

Outra intenção foi despertar o potencial artístico da população da Vila, através da intervenção com a arte urbana de pinturas murais, cujos resultados irão configurar suas histórias e saber-fazer culturais, além de sua integração aos sistemas de rede de comunicação promovidos pelo programa de mestrado e o Museu da Vila.

Como forma de analisar a educação patrimonial, não formal, no Brasil e, ao que se pretendeu no Coqueiro, tomamos de exemplo o conceito de Villaça (2014), em que ela sugere a expressão “Arteducação” – sem a separação de Arte e Educação, como era escrito anteriormente, por exemplo.

Atualmente, considerando-se que não se separa arte da educação no processo transformador do indivíduo, cunhou-se a expressão arteducação, que considera que o processo educativo não é separado por espaço formal de educação, podendo acontecer em assentamentos, aldeias, sindicatos etc. Desta forma, o arteducador não é somente aquele com formação em licenciatura. Pode ser, por exemplo, um mestre da cultura popular. (VILLAÇA, 2014, p. 82).

Dessa maneira, pressupõe-se que as ações desenvolvidas no Coqueiro, com as oficinas de arte urbana, tiveram um aproveitamento bastante significativo do ponto de vista educacional e cultural. Segundo Villaça (2014, p. 82), “as artes estão sendo utilizadas como metodologia em diversas outras áreas do conhecimento, presentes como meio para apreensão ou vivência de conteúdos diversos, [...]”.

As ações educativas sobre o patrimônio cultural do Coqueiro foram coordenadas segundo um plano didático. Mas executado de maneira participativa, por tratar-se de um “ecomuseu” de base comunitária. Supôs-se que, dessa forma, haveria maior aproveitamento das ideias e dos diálogos provocados pelo passeio no entorno da exposição (galeria de arte a céu aberto). O contato com os objetos, as obras e o conteúdo apresentado pelos murais, fez com que nos lembrássemos de que a arte precisa estar no nosso meio.

A arte encontra-se presente no cotidiano do indivíduo, seja nas manifestações de cultura popular, músicas, danças, nas cidades, pinturas, esculturas, fotografias, dentre outras expressões, é preciso conhecer essa linguagem como parte intrínseca da sociedade. No

contexto contemporâneo, esta linguagem possibilita uma multiplicidade de pontos de vista, relações abertas, em processo, que dialogam entre si e exigem uma atitude e um olhar investigativos, desveladora que necessitam serem exercitados frequentemente, assim como uma participação efetiva do apreciador. (BEZERRA, 2014, p. 716).

O patrimônio material e imaterial do território Coqueiro é muito rico em memórias e saber-fazer ancestral. Ele pode até ser comparado ao patrimônio com o qual referenciou Varine (2013). “Ele é essencialmente vivo, fluído, frágil, ligado a indivíduos de carne e espírito. Inventariá-lo [...]. É também aceitar o risco de trair o verdadeiro sentido de alguns elementos” (VARINE, 2013, p. 60).

Os moradores da Vila Bairro dividem esse paraíso com os usuários de veraneio, que na maior parte das vezes não dão a mínima para o cuidado, a preservação, o registro documental ou a conscientização dos valores que tem essa cultura imaterial. Isso reforçou ainda mais a importância dessa educação patrimonial.

As histórias contadas pelos moradores, pescadores e as que já estão registradas pela turma (T5) de mestrandos, foram reinterpretadas, desenhadas e pintadas como releituras, etc. por participantes das oficinas de arte, que deram a elas novas configurações artísticas.

A exposição de arte urbana, que tem como núcleo o Museu da Vila, elaborou um plano de educativo museal baseado no conteúdo resultante das oficinas de arte urbana e na análise de Luciana Martins (2011) de que existem três categorias analíticas para a lógica da educação museal: o tempo, o espaço e o discurso. “[...] é possível considerar a presença de três elementos na reprodução do discurso pedagógico: tempo, espaço e discurso [...], que se interpenetram e se inter-relacionam [...]. (MARTINS, 2011, p. 311). Sendo que o discurso se faz necessário durante todo o processo, para melhor aproveitamento do espaço e tempo.

No âmbito artístico/comunitário, a exposição de imagens reconfiguradas do patrimônio material e imaterial do Coqueiro, expostos nos muros e paredes do território, promoveram um olhar mais sensível aos valores culturais de seus moradores. No âmbito sócio/comunitário:

Arte comunitária pode ser o nome que recebe um programa municipal de apoio ao ensino das artes como meio para o desenvolvimento cultural, pode fazer referência a um projeto de arte pública que implique na colaboração e na participação ou, ainda, equiparar-se em alguns casos à animação sociocultural. Pode ser promovido institucionalmente, por um coletivo de artistas ou por uma associação cultural, envolvendo as artes plásticas, mas também o teatro, a dança, o artesanato e as festas tradicionais. (NUNES, 2010, p. 48).

O conteúdo da exposição depende diretamente do que se produziu nas oficinas ou do que delas resultou. A ideia dessas variadas oficinas de artes foi deixar o participante à vontade para fluir a imaginação, criar e pensar filosoficamente na interpretação das histórias sobre a vida e as subjetividades da comunidade. “Primeiramente, o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva”, (BOURDIEU, 2006, p. 184).

As histórias “contadas” por meio da linguagem da pintura tendem a ganhar diferentes dimensões. Porém, sem desvios de significados nas narrativas. A diferença está na dinâmica de mediação, apresentada pelo sujeito mediador.

O mediador é um observador atento das dinâmicas interpessoais que alinhava os modos de perceber os sujeitos e os objetos com os quais interage, sendo, também, um propositor. Por esta razão, as noções de identidade/alteridade, reciprocidade, negociação, deslocamento, recombinação, flexibilidade, reconhecimento, recodificação e resignificação lhe são tão caras, posto que contribuem para o agenciamento de experiências coletivas. (NUNES, 2010, p. 119).

Por outro lado, a pintura, as cores, a própria localização da mesma e sua dimensão física, permite que o observador das cenas impressas nas obras, possa reconstruí-la ao seu bel estado de espírito, sem causar danos ao conteúdo, dependendo da interpretação e “negociação” com a “verdade”. “Atualmente, a comunidade se converteu em lugar no qual se intervém artisticamente.” (NUNES, 2010, p. 62).

Numa educação patrimonial por meio da arte, há de se levar em conta o estilo interpretativo do artista (seu posicionamento), bem como, a técnica e o processo criativo. Pois a compreensão da obra deve ser feita pelo conjunto (obra

e sujeito). Ao interpretá-la se estabelece um diálogo entre ambos, onde o mundo tal como conhecemos, ao interagirem entre si, pode tornar-se diferente. “A liberdade que a arte possui de inverter, deslocar, ressignificar confere a ela um caráter transgressor, necessário dentre outras coisas, para questionar valores pré-estabelecidos da sociedade.” (VILLAÇA, 2014, p. 80).

Na perspectiva do educativo patrimonial a que se refere esse estudo, pode se dizer que prende a atenção de muita gente: crianças, participantes das oficinas, contadores de histórias, artistas, professores, usuários do museu da Vila, comunidade do Coqueiro, turistas e alunos do mestrado.

O espaço de exposição, nesta perspectiva, define-se, então, não somente pelo conteúdo ou por seus suportes, mas também pelos seus utilizadores – visitantes ou membros da equipe de profissionais da instituição –, ou seja, as pessoas que entram nesse espaço específico e participam da experiência geral dos outros visitantes da exposição. Logo, o lugar da exposição apresenta-se como um lugar específico de interações sociais, em que a ação é susceptível de ser avaliada (DESVALLÉES, 2013, p. 43).

A educação não formal, sobretudo nos museus, não é uma prática recente, nem mesmo para o Brasil. “O termo ‘educação’ vem do latim *educere* [conduzir para fora de, ou seja, para fora da infância], o que supõe uma dimensão ativa do acompanhamento nos processos educativos de transmissão” (DESVALLÉES, 2013, p. 38). E no Brasil, um exemplo de educação museal (sistêmica), através das visitas mediadas, podemos mencionar o que se iniciou na Pinacoteca do Estado de São Paulo, nos anos 1950, citado por Martins (2011).

[...] o edifício de tijolos aparentes da Avenida Tiradentes, no bairro da Luz em São Paulo. Foi lá, no ano de 1950, que se inauguraram as primeiras visitas guiadas, realizadas para os públicos visitantes por artistas como Anita Malfatti, Alípio Dutra, Quirino Campofiorito e Georgina de Albuquerque. Denominada de “Conferência Passeio”, a atividade tinha como objetivo proporcionar aos públicos um contato intermediário com o acervo. (MARTINS, 2011, p. 214).

Em outra abordagem, a educação não formal pode ser traduzida no que afirma Desvallées (2013):

A educação, particularmente a informal, visa, então, a desenvolver os sentidos e a tomada de consciência. Ela é um processo de *desenvolvimento* que pressupõe mudança e transformação, ao invés de condicionamento ou repetição, noções que ela tende a opor. [...]. (DESVALLÉES, 2013, p. 38).

O educativo patrimonial, como a educação não formal, através da exposição (presencial e virtual) de arte nas ruas da Vila Bairro Coqueiro e a exibição de fotos, esboços e desenhos no Museu da Vila, proporcionam um reconhecimento mais significativo à população como um todo. O conceito empregado nas ações educativas realizadas em parceria com os moradores e os participantes das oficinas, assemelha-se com o que disse Gouvêa (2003):

Ações em parceria possibilita aos alunos experiências de aprendizagem diferentes daquelas tradicionalmente privilegiadas na sala de aula, o contato direto com o objeto, a apresentação temática, o princípio de interatividade, fazem das exposições espaços pedagogicamente inovadores favorecendo outras relações entre aquele que aprende e o objeto de aquisição cognitiva, afetiva, social ou outra. (GOUVÊA, 2003, p. 112).

Essa forma de educação patrimonial por meio de conteúdos construídos a partir de imagens (narrativas) reconfiguradas por artistas que usaram a criatividade para dar um viés mais conceitual às histórias e os modos de vida dos habitantes do ecomuseu, estão causando impactos significativos à memória dos moradores e usuários da comunidade Coqueiro.

Mestrandos, Universidade Federal do Piauí e Museu da Vila têm mediado valores culturais de memórias ancestrais e afetivas da população. “Os serviços de mediação cultural e de educação destas instituições pretendem facilitar o acesso ao patrimônio e à cultura [...] levando em consideração suas características e necessidades” (GOUVÊA, 2003, p. 112). Trata-se de exposições que incluem desde história oral, textos, fotos, desenhos e pinturas em papel, telas e murais.

Outra intenção propositiva foi despertar o potencial artístico da população da Vila Bairro Coqueiro, através da metodologia de oficinas de pintura, cujos

resultados configuram suas histórias e saberes culturais. E também, a integração da comunidade aos sistemas de redes de comunicação e conhecimentos contemporâneos. “O que se pode observar é que a revolução real na computação (sem fio em especial), não é apenas comercial ou tecnológica, mas também social. (NUNES, 2011, p. 148).

Os três murais de arte urbana, no processo educativo patrimonial, unificaram o conceito de tempo (passado, presente e futuro), espaço (compartilhado entre moradores, visitantes e poder público) e discurso (político, social e democrático).

A arte gera novos instrumentos para ativar a intervenção no espaço público e se converte em uma ferramenta de participação democrática na resolução dos conflitos, minimizando a distância entre o cidadão e o contexto, mediante a formação e organização de coletivos sociais e educativos. (NUNES, 2011, p. 33).

Dessa forma, tomando como exemplo o conceito de “tempo, espaço e discurso”, citado por Martins (2011, p. 311), pode se dizer que o Ecomuseu Vila Bairro Coqueiro da Praia e as ações nele desenvolvidas, pressupõe um aproveitamento significativo do ponto de vista educacional. Sobretudo se seguirmos orientações – como descreve a autora – sobre as três instituições de São Paulo, tidas como museus referências: “a Pinacoteca do Estado de São Paulo [...], o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo [...] e o Museu de Astronomia e Ciências Afins [...]” (MARTINS, 2011, p. 30).

É muito importante salientar que as três instituições são referências para a área de educação em museus nacionais. Seus educadores são produtores de conhecimento sobre o tema da educação em museus, com participação nos fóruns e associações profissionais específicas, além dos congressos da área. Nesse sentido, esses museus são bastante diferenciados em termos qualitativos de outras instituições museais nacionais. De acordo com levantamento do Instituto Brasileiro de Museus, para o Cadastro Nacional de Museus, apenas 24,9% das instituições museais possuem ação educativa. (MARTINS, 2011, p. 30-31).

Ao analisarmos a metodologia aplicada à educação museal da Pinacoteca, por exemplo, percebeu-se que a nossa metodologia de ensino

aprendizagem não está muito diferente, no tocante à liberdade oferecida ao visitante. “[...]. O público também tem poder decisório na medida em que, no caso das visitas autônomas às exposições realizadas pelos setores educativos, ele percorre os caminhos da maneira que julgar mais conveniente” (MARTINS, 2011, p. 348).

As ações educativas sobre o patrimônio imaterial e cultural do Coqueiro serão coordenadas segundo um plano artístico/didático. Mas será executado de maneira flexível, como exemplifica Martins (2011), com as visitas educativas na Pinacoteca do Estado de São Paulo:

As visitas educativas na Pinacoteca acontecem a partir de uma estrutura básica que compreende um momento de acolhimento e apresentação da instituição [...], a leitura de imagem e uma atividade de proposta poética. Essa estrutura, que dura por volta de uma hora e trinta minutos, está baseada em alguns eixos estruturantes. O primeiro deles diz respeito à não roteirização da visita. (MARTINS, 2011, p. 239).

Supôs-se que dessa forma, haveria maior aproveitamento das ideias no percurso do passeio pela exposição, o contato com os objetos, com as obras e o conteúdo apresentado. Pois um museu de base comunitária, como é o caso do Museu da Vila, “traz consigo outros valores e possibilidades infinitas de comunicação, diálogos, que originam outras lógicas sociais” (PINHEIRO, 2015, p. 61).

Dessa maneira, acreditamos que um plano didático, baseado na flexibilização das ações, poderá contribuir para o melhor desempenho do processo de criação e produção do aprendizado em educação patrimonial. Além de aproximar e integrar os participantes do projeto de arte urbana e oficinas de pintura mural, como alunos, artistas, educadores, comunidade, mestrandos e Museu da Vila.

Como foi visto, a educação patrimonial tem se fortalecido no âmbito político e social das comunidades, através da arte e de museus de base comunitárias, tanto nacionais, quanto internacionais. E as realidades se traduzem no Coqueiro, ao atribuir mais sentidos ao ambiente, como

características e valores de sua identidade. O projeto trouxe as proposições acerca da educação patrimonial da Vila Bairro Coqueiro da Praia, por meio da contação de histórias, produção artística e de trabalhos práticos com jovens e idosos da Vila.

Acreditamos que a exposição de Arte Urbana, por meio dos três murais, irá impactar positivamente a comunidade e seus usuários. Pois apesar desse paraíso ser rico em memórias e saber-fazer ancestral, os moradores dividem esse patrimônio com os usuários de veraneio, que na maior parte das vezes não dão a mínima para o cuidado na preservação dos valores que existem nesse ecomuseu.

As ações educativas sobre o patrimônio vivo e natural do território serão coordenadas segundo um plano de sociomuseologia. Mas executado de maneira bastante flexível, por tratar-se de um museu de base comunitária. Dessa forma, supõe-se maior aproveitamento das ideias e diálogos que irão aflorar no decorrer do passeio pela exposição (galeria de arte a céu aberto).

## CONCLUSÃO

As intervenções aqui apresentadas e realizadas pelo projeto ARTE MURAL NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA, LUÍS CORREIA, PIAUÍ, BRASIL são a conclusão de um processo que inclui um relatório técnico de produtos e serviços do referido projeto. O Bairro Coqueiro, localizado em Luís Correia, Meio Norte do Brasil, distante 360 km de Teresina, capital do Estado do Piauí, pode somar agora, ao seu acervo, mais um instrumento de luta social, cultural, econômica e ambiental.

Os 3 (três) murais manifestam-se por meio de narrativas relacionadas às lógicas sociais, históricas e culturais da população. Como os saberes e fazeres de seus antepassados que se encontravam e ainda se encontram em risco de se perderem. Em conversas com os moradores, durante e após as pinturas murais, observou-se o contentamento com que receberam esses novos patrimônios (os murais) que proporcionam à Vila, maior disseminação dos conteúdos históricos e culturais do bairro.

O resultado do projeto de Arte Urbana – denominado Produto ou Pinturas Murais – foi o de, ao ocupar os espaços públicos da vila, antes discretos e sem expressão, atribuir-lhes uma nova dimensão visual, com mais cores, maior interação, despertando desejos de aproximação da comunidade com seu próprio território. Percebeu-se também o interesse dos usuários pela história e identidade do bairro, por meio das ações realizadas pelo Programa de Mestrado Profissional da Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal do Delta do Parnaíba e do Museu da Vila (MUV), os quais reúnem elementos, ou produtos, resultantes de projetos no campo das artes, do patrimônio, da cultura e da museologia.

Nesse sentido – o de conhecer, reconhecer e salvaguardar memórias e histórias do lugar – observamos um interesse maior dos moradores depois de concluído o projeto de arte pública (arte mural), com manifestação dos próprios

residentes. Tratava-se, antes deste projeto, de uma vila silenciosa, muda, com ruas e muros vazios. Agora, 2021, com este trabalho, há 3 murais que representam a vida cotidiana da vila, o que inclui ofícios e modos de saber-fazer associados às artes de pesca artesanal, aos modos de ser e existir, à paisagem natural, mar, fauna e flora.

Acreditamos ter acertado ao pressupor que a construção de um projeto de Arte Urbana, através da pintura mural e de produções artísticas, poderia ser uma boa estratégia para ações interativas, centradas na Arte Urbana e que poderiam trazer aos moradores maior afeto pelo lugar onde vivem. Acredita-se também que essa afetividade possa atingir os usuários do coqueiro.

O projeto ARTE MURAL NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA envolveu pesquisa-ação, história oral, oficinas, produção artística e exposição presencial e virtual de artes visuais, com parcerias colaborativas de moradores, nas quais se pretendeu contribuir para mudar o cenário visual deste território.

Para tanto, na condição de artista visual, nos dispomos a realizar essa trajetória que complementou o nosso ofício de artista plástico, iniciada em meados dos anos 1980, em São Paulo – Capital e, que, agora, acreditou-se poder somar aos conhecimentos adquiridos no PPGAPM, associado ao Projeto Matriz, Ecomuseu Delta do Parnaíba (ECOMUDI) materializado em Residência Artística, sob a coordenação das professoras doutoras Áurea da Paz Pinheiro e Rita de Cássia Moura Carvalho, na Vila-Bairro Coqueiro da Praia, na categoria Arte Urbana.

Diante da realidade com que nos deparamos, comprovou-se, através de reações manifestadas pelos moradores com a presença das obras, que a Arte Mural pode sim contribuir para reverter as vulnerabilidades sociais que atravessam o cotidiano da Vila Bairro Coqueiro da Praia.

Estamos confiantes no fortalecimento dos laços familiares e de identidade da comunidade, despertada nos habitantes, por meio da arte mural, para minimizar a crescente descaracterização do território provocada pelos avanços da modernização e modernidade; e diminuir as alterações nos modos de ser e

viver das famílias. Como ação, ao longo do trabalho vivemos o cotidiano da Vila Bairro, ouvimos e registramos em textos, fotos e desenhos os relatos, narrativas das pessoas mais idosas e transformamos esse conteúdo em arte mural, como forma de sensibilização de crianças, jovens e adultos sobre o valor de seus patrimônios natural e cultural (diálogos intergeracionais).

A nossa intenção, portanto, foi representar, por meio da arte mural, as memórias (HALBWACHS, 2013), as histórias (LE GOFF, 1990), o ofício e os modos de saber-fazer da pesca artesanal da Vila Bairro. Este trabalho se materializou em um Relatório Final e em produtos e serviços, como oficinas de arte/educação (BARBOSA, 2011) e 03 (três) murais, sendo 02 (dois) murais coletivos e 01 (um) mural de produção coletiva e participativa, com crianças e jovens, membros da Comunidade Coqueiro e professores (as) do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia – UFPI/UFDPar. Este trabalho contribuirá para o conhecimento e reconhecimento dessas memórias e histórias, individuais e coletivas, de artesãos, pescadores, detentores e protetores dos patrimônios material e imaterial do território, habitado por povos originários, que sabiam viver de forma harmoniosa com a natureza.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lilian. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios” - 20 a 25/09/2010 - Cachoeira - Bahia - Brasil INTERTERRITORIALIDADES - PASSAGENS, CARTOGRAFIAS E IMAGINÁRIOS. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/lilian\\_amaral\\_nunes.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/lilian_amaral_nunes.pdf) Acesso em: 20 jun. 2021.

AMARAL, Lilian. 22º Encontro Nacional Anpap. Ecossistemas Estéticos: Belém - Pará, 15 a 20/10/2013. GEOPOÉTICA: CARTOGRAFIA DOS SENTIDOS. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/09/Lilian%20Amaral.pdf> Acesso em: 20 jun. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras. Estudos Avançados. BARBOSA, A. M. 1983. Relatório de preparação do 14º Festival de Inverno de Campos do Jordão, SP. São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. Dezembro de 1989. DOI:10.1590/S010340141989000300010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/240971796\\_ArteEducao\\_no\\_Brasil\\_realidade\\_hoje\\_e\\_expectativas\\_futuras](https://www.researchgate.net/publication/240971796_ArteEducao_no_Brasil_realidade_hoje_e_expectativas_futuras) Acesso em 26 jul. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. JOHN DEWEY E O ENSINO DA ARTE NO BRASIL. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/67933882-John-dewey-e-o-ensino-da-arte-no-brasil.html> Acesso em 26 jul. 2021.

BARBOSA, Ana Mae. REDEFOR-Rede São Paulo de FORMAÇÃO DOCENTE. Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP. Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos - d02. São Paulo, 2011.

BEAUCLAIR, Rodrigo Gonçalves. **Muralismo Mexicano: intelectuais e arte na tentativa de forjar uma nação**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

BEAUD, Stéphane. **Guia para a pesquisa de Campo**. Produzir e analisar dados etnográficos. Trad. Sérgio Joaquim de Almeida. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

BEZERRA, Paula Francinete Barros; BARROS, João de Deus Vieira. MEDIAÇÃO DA CULTURA VISUAL NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO. ISSN 2316-6479 I DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias e afetos. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Mariete de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2014.

DESLANDES, Suely Ferreira; Maria Celília de Souza Minayo; Otávio Cruz Neto; Romeu Gomes. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Editores). *Conceitos-chave de Museologia*. ICOM, 2013.

GALENO, José Antônio Vieira. (Antônio da Laura). *Pescador profissional de pesca artesanal. Morador da Vila-bairro Coqueiro da Praia*, 2021.

GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. **Educação e Museu**: A construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. (Orgs.) - Rio de Janeiro: Access, 2003. 233p.; 21 cm. ISBN 85-86575-44-5.

GULLAR, Ferreira. **Na vertigem do dia**. 17. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. | Giuslane Francisca da Silva. | *Aedos*, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/59252/38241> Acesso em: 26 jun. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/luis-correia/panorama> Acesso em: out. 2019.

JACOB, Jorcy Foerste. **Murais de identidades: as representações sobre os indígenas na ótica do muralismo mexicano (1920-1940)**. Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC. São Paulo – 2012. ISBN 978-85-66056-00-6. Disponível em: [http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/jorcy\\_jacob2012.pdf](http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/jorcy_jacob2012.pdf) acesso em: 05 jul. 2021.

KRAUSS Rosalind. *Sculpture in the Expanded Field, 1979*. **A escultura no campo ampliado**. Tradução: Elizabeth Carbone Baez. Thiago Guedes. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU USP, 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/36713128/Krauss\\_Rosalind\\_1979\\_2008\\_A\\_escultura\\_no\\_campo\\_ampliado](https://www.academia.edu/36713128/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado) Acesso em 27 jul. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão *et. al.* Campinas: Unicamp, 1990.

LEITE, Antonio Eleilson. **Graffiti em SP: tendências contemporâneas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. ISBN 978-85-7820-102-9. Disponível em: [https://acaoeducativa.org.br/wpcontent/uploads/2013/10/Graffiti\\_em\\_SP\\_o\\_livro.pdf](https://acaoeducativa.org.br/wpcontent/uploads/2013/10/Graffiti_em_SP_o_livro.pdf) Acesso em: 05 jul. 2021.

LEITE, Pedro Pereira. Ecomuseus e Museologia Social. *Informal Museology Studies* N° 14 Summer 2016. Museu Afro Digital. Lisbon: Pedro Pereira Leite, 2016.

MARTINS, Luciana Conrado. Autores que buscam compreender a relação entre museu e escola. In: MARTINS, L. C. A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. 2011. 390 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011151245/publico/> Acesso em 26 jun. 2021.

NUNES, Lilian do Amaral. **DERIVAÇÕES DA ARTE PÚBLICA CONTEMPORÂNEA**. TESE APRESENTADA À ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ARTES VISUAIS. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-19082015-113810/publico/LILIANDOAMARALNUNES.pdf> Acesso em: 05 jul. 2021.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana; São Paulo: Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente**. – São Paulo: Fapesp, 2000. Disponível em: [https://www.fau.usp.br/fau/ensino/docentes/deptechnologia/v\\_pallamin/arte\\_urbana\\_livro.pdf](https://www.fau.usp.br/fau/ensino/docentes/deptechnologia/v_pallamin/arte_urbana_livro.pdf)> Acesso em: 17 jan. 2021.

PINA, Ana Filipa Azemel Correia. **Arte Pública e Comunidade – O Impacto da Arte Urbana no Bairro Padre Cruz**. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa – 2019. Disponível em: [https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/19623/1/master\\_ana\\_correia\\_pina.pdf](https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/19623/1/master_ana_correia_pina.pdf)> Acesso em: 17 jan. 2021.

PINHEIRO, Áurea da P. Patrimônio Cultural e Museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.58, p. 55-67, out/dez 2015.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Trad. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Revisão científica, Rui Santos. Departamento de sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Gradiva, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. ed. 6ª reimpressão – São Paulo: Cortez, 2011.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. ARTE-EDUCAÇÃO: A ARTE COMO METODOLOGIA EDUCATIVA. Cairu em Revista. Jul/Ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 74-85, ISSN 22377719. Disponível em: [https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014\\_2/05\\_ARTE\\_EDUCACAO\\_METODOLOGIA\\_EDUCATIVA.pdf](https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf) Acesso em 27 jul. 2021.



mnprr

MESTRADO  
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA